



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

JOSÉ DOMINGOS LEAL MEIRA DA ROCHA

Natal - Uma Esperança Encarnada em Jesus Cristo
Uma perspetiva educacional da Unidade Letiva “Advento e Natal”
do 6º ano do Ensino Básico do Programa de Educação Moral e
Religiosa Católica

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof.^a Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Braga
2011-2012

Agradeço a todos aqueles que me acompanharam ao longo deste trabalho: Doutora Isabel Varanda (Orientadora da PES), Dra. Maria José Dias (professora cooperante da PES), aos colegas estagiários e aos alunos da turma do 6º 3 da Escola Dr. Francisco Sanches - Braga.

Dedico-o:

Aos meus pais, irmãos, sobrinhos, cunhados e demais familiares; aos meus paroquianos; aos idosos e funcionários do Centro Interparoquial e Social de Moselos Padornelo e Parada; aos meus alunos de EMRC da Escola E.B.2,3/Secundária de Paredes de Coura.

Obrigado a todos pela amizade e colaboração.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	6
I PARTE - UMA PERSPETIVA EDUCACIONAL	8
CAPÍTULO I - O ATO DE EDUCAR	9
1 - Educar: o que é?	9
2 - A mudança de paradigma na educação	11
<i>2.1 Uma “cultura de participação”</i>	11
<i>2.2 Autoridade na educação: “mais do que um poder”</i>	14
CAPÍTULO II - A EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA	17
1 - O porquê de uma educação religiosa	17
2 - A presença da Igreja na escola	18
<i>2.1 A religião na escola</i>	19
<i>2.2 A Educação Moral e Religiosa Católica</i>	20
<i>2.3 Distinção e complementaridade entre catequese e EMRC</i>	22
3 - Perfil do professor de Educação Moral e Religiosa Católica	23
4 - Considerações finais sobre a primeira parte	24
II PARTE - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA, PEDAGOGIA, DIDÁTICA E AVALIAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “ADVENTO E NATAL”	26
CAPÍTULO I - ADVENTO, TEMPO DE ESPERANÇA	27
1 - Advento: Deus vem	27
<i>1.1 A esperança de Israel</i>	29
1.1.1 Emanuel: o Messias Esperado de Israel	29
1.1.2 Jesus, o Messias Prometido	31
1.1.3 Advento, Tempo de Esperança	32
<i>1.2 Figuras do Advento</i>	33
1.2.1 A Virgem Maria	33
1.2.2 São José	35
1.2.3 João Batista	36

CAPÍTULO II - NATAL: A ESPERANÇA ENCARNADA EM JESUS CRISTO -----	38
1 - Natal: origem e significado -----	38
2 - O Presépio: principal representação artística do Natal -----	40
3 - A Esperança Encarnada em Jesus Cristo -----	42
CAPÍTULO III - PEDAGOGIA, DIDÁTICA E AVALIAÇÃO -----	44
1 - Apresentação descritiva da unidade -----	44
<i>1.1 Caracterização da turma</i> -----	45
2 - Planificações da unidade letiva -----	46
<i>2.1 Descrição das planificações</i> -----	46
<i>2.2 Explanação das planificações</i> -----	51
<i>Aula 1 – Advento, tempo de esperança</i> -----	52
<i>Aula 2 – Figuras do Advento</i> -----	55
<i>Aula 3 – O Natal, representação artística e tradições</i> -----	58
<i>Aula 4 – Jesus, um marco na história</i> -----	61
<i>Aula 5 – Construir uma sociedade mais justa</i> -----	64
3 - Avaliação descritiva da unidade letiva -----	67
CONCLUSÃO -----	68
BIBLIOGRAFIA -----	69
ANEXOS -----	72

INTRODUÇÃO

Perante uma crescente desvirtuação do Natal julgo ser necessário que a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) valorize o verdadeiro sentido das principais celebrações cristãs como é o caso do Natal. A celebração do Natal refere-se à essência da vivência da fé cristã. Por momentos, sentimos que o Natal reduz-se a uma festa familiar ou mesmo a uma época do ano mais voltada para um consumismo passageiro.

É, neste sentido, que me proponho fazer este trabalho ao fundamentar cientificamente e planificar as aulas da Unidade Letiva (UL) “Advento e Natal”. Com o título: Natal - Uma Esperança Encarnada em Jesus Cristo - Uma perspetiva educacional da UL “Advento e Natal” do 6º ano do Ensino Básico do Programa de EMRC, constituindo o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada na escola EB 2,3 Dr. Francisco Sanches. Para além da apresentação no que concerne à prática e pedagogia da lecionação da UL 2 “Advento e Natal” à turma 6º 3, incorporando planificações e avaliação de aulas, é também constituído por uma fundamentação teórica da UL acompanhada de uma reflexão sobre o ensino, as mudanças de paradigma no ensino e o lugar da disciplina de EMRC nas escolas. O trabalho está dividido em duas partes que se subdividem em capítulos.

A primeira parte é dedicada a um estudo sobre o ensino, tendo como base que este não pode restringir-se somente ao fator cognitivo mas tem que formar uma pessoa no seu todo, defendendo uma educação integral e a valorização da disciplina de EMRC. Num primeiro capítulo, defino a educação enquanto processo prático de desenvolvimento integral da pessoa humana. Toda a educação deve ensinar a ser, transmitindo valores, e ajudando os educandos a adquirir uma convicção interiorizada e uma espinha dorsal ética. É aqui que a tradição cristã pode continuar a desempenhar um papel importante, mesmo num mundo muito marcado pelo secularismo. No segundo capítulo desta primeira parte, apresento a dimensão religiosa como constitutiva da pessoa humana, por isso não haverá educação integral se a mesma não for tomada em consideração. Será também abordado neste capítulo o perfil do professor que leciona esta disciplina.

Numa segunda parte será feita a fundamentação teórica, pedagogia, didática e avaliação da UL “Advento e Natal” lecionada à turma 6º 3, num conjunto de cinco aulas, num período que envolveu os meses de novembro de 2011 a janeiro de 2012. É composta por planificações referentes a cada aula lecionada, seguidas de uma avaliação onde destaco os aspetos mais importantes na aula e tento definir estratégias que, ao longo das aulas, me permitam utilizar recursos eficazes de motivação dos alunos. No final desta parte faço uma reflexão pessoal sobre a minha experiência de estágio. De seguida serão adicionadas a

bibliografia e os anexos que me auxiliaram a dinamizar as aulas e permitiram aos alunos uma melhor aprendizagem.

I PARTE
UMA PERSPETIVA EDUCACIONAL

CAPÍTULO I - O ATO DE EDUCAR

Nesta primeira parte do trabalho irei refletir um pouco sobre o tema da educação, dando especial atenção ao seu objeto enquanto uma educação integral. Visto que este trabalho se fundamenta, principalmente, na experiência de estágio, tendo em vista a minha formação como docente da disciplina de EMRC, considero esta parte essencial como enquadramento na realidade do ensino. Abordarei a necessidade da mudança de paradigma na educação enquanto desenvolvimento da pessoa como um todo e não apenas a parte cognitiva. Para uma educação integral da pessoa, considero fundamental a participação de todos os intervenientes e a busca de uma nova autoridade que é “mais do que um poder”. Por isso a importância da disciplina, enquanto presença da Igreja na escola, para criar um elo de ligação com os tempos litúrgicos da Igreja como são o Advento e o Natal. O lugar da EMRC, na qual me pretendo profissionalizar, também será abordado nesta primeira parte.

1 - Educar: o que é?

A educação é uma ação reguladora e estimuladora do processo de desenvolvimento humano e da personalidade humana. Para Kant (1724-1804) o ser humano só se torna verdadeiramente humano pela educação. O termo educação tem origem latina *ducere*, que significa conduzir para fora. Outros sugerem a origem em *educare*, que significa a ação de formar, instruir, guiar. Educar significa, etimologicamente, “elevar”, “tornar maior” e aplica-se ao desenvolvimento das faculdades do homem, intelectuais e físicas. “Tendo em conta essas duas raízes etimológicas e a nossa visão do Homem, podemos definir a educação como desenvolvimento integral, harmonioso e progressivo da pessoa humana até à sua plena maturidade.”¹

Educação é sempre uma prática, uma ação, não é possível compreendê-la como algo estável. Não consiste em transmitir ao aluno o saber acumulado pelo mestre (esse é um dos aspetos do ensino); mas deve antes levar o aluno a ser capaz de por si próprio a encontrar o conhecimento. Deve assim, em primeiro lugar, desenvolver as suas faculdades. Então o aluno toma conhecimento dos seus limites e procura ultrapassá-los; descobre novos horizontes, interroga-se sobre eles e não se contenta com respostas aproximadas. “Ninguém educa ninguém: é cada um que se educa a si próprio com a ajuda dos outros. A educação é, por isso,

¹ Américo VEIGA, *A Educação Hoje - A realização integral e feliz da pessoa humana*, col. “Obras básicas” 1, 6ª edição, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 2003, 13.

autoeducação, pois não há crescimento humano por imposição exterior, mas unicamente por assimilação interior de valores. E ninguém pode fazer isso por nós.”²

Educar é um processo contínuo que orienta e conduz o indivíduo a novas descobertas a fim de tomar as suas próprias decisões, dentro das suas capacidades. Educar para aprender significa ajudar a fazer escolhas e educar para a criatividade e o discernimento, mas sobretudo para aceitar que é preciso aprender ao longo de toda a vida. “A verdadeira educação não só consiste em ensinar a pensar mas também em aprender a *pensar sobre o que se pensa* e este momento reflexivo - que com maior nitidez marca o nosso salto evolutivo relativamente a outras espécies - exige constatar a nossa pertença a uma comunidade de criaturas pensantes.”³

Enfim, “toda a educação deve ensinar a ser. Num mundo cada vez mais aberto a todas as ideologias, os professores arriscam-se a já não ousarem transmitir escalas de valores, a já não ajudarem os jovens a adquirir uma convicção interiorizada e uma espinha dorsal ética. É preciso sublinhar fortemente que uma educação neutra nunca existiu e não existirá no futuro.”⁴ É aqui que a tradição cristã pode continuar a desempenhar um papel importante, mesmo num mundo muito marcado pelo secularismo.

A missão da educação escolar assenta na verdade do Homem, isto é, “no respeito integral pela sua origem e pelo seu destino transcendente e pela defesa da sua dignidade inalienável e inviolável ao longo do percurso do seu desenvolvimento desde a sua conceção.”⁵

A tarefa da escola centra-se no valor primordial da vida, daí ter de recuperar a confiança na vida. É o valor primordial e fundamental de todos os valores humanos.⁶ O valor da vida e da dignidade humana deve ser recolocado no centro da realidade social, política, económica, cultural e educativa.

“A educação autêntica é a educação integral da pessoa. Isto exige promoção dos valores espirituais, estruturação hierárquica de saberes e valores, integração do saber científico-tecnológico num saber cultural mais vasto, mais abrangente e mais englobante.”⁷ Defender uma educação integral, é defender uma educação completa, que pense o ser humano por inteiro, em todas as dimensões. É pensar uma educação que discuta e construa valores, cidadania, ética, na valorização e fortalecimento da identidade étnica, religiosa, cultural, local, de género, valores estes essenciais para a construção de uma sociedade sustentável, com justiça social.

² *Ibidem*, 16.

³ Fernando SAVATER, *O Valor de Educar*, Editorial Presença, Lisboa, 1997, 30.

⁴ Jan KERKHOFS, *Perspetivas ou tendências da educação na Europa* in AA. VV., VIII Fórum Europeu do Ensino Religioso Escolar, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 1998, 80.

⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Escola em Portugal - Educação integral da pessoa humana*, Carta Pastoral 3, 2008, nº 3.

⁶ Cfr. *Ibidem*, nº 4.

⁷ *Ibidem*, nº 5.

“A escola é uma conceção de vida em ação, em realização continuada e renovada pela incarnação de ideias, de saberes, de valores, de critérios, de atitudes, de comportamentos. Não há, portanto, educação e ensino alheios a preocupações de ordem filosófica, ideológica, política e religiosa.”⁸.

2 - A mudança de paradigma na educação

A educação, entendida como um processo contínuo, permanente e global, consiste no desenvolvimento da capacidade de produzir ou construir o conhecimento, no confronto direto com as realidades e procura ser integradora, ordenando-se para a formação de personalidades unas e não fragmentadas. Atende aos domínios do cognitivo, do afetivo e do volitivo; atende à teoria e à prática, ao vital e ao lógico, ao estético e ao ético, ao universal e ao particular.

Esta é também a perspetiva da educação em geral e do sistema educativo em particular, como podemos facilmente depreender da leitura da Lei de Bases do Sistema Educativo⁹ (LBSE) quando se refere à formação do aluno/pessoa nas suas diversas dimensões.

Assim, educar é desenvolver o sentido de responsabilidade pessoal, formar para a cidadania, receber os conhecimentos de uma sociedade para os inserir num processo de saber-pensar e saber-ser. À educação compete ajudar o educando no seu desenvolvimento da personalidade e na formação da consciência possibilitando-lhe estruturar-se e orientar-se por valores interiormente aceites.

A educação toca o educando não só na sua superfície, mas entra no profundo da sua interioridade. A ação educativa tem o objetivo de fazer emergir o melhor de cada um e levar à maturação plena a pessoa humana.

Por isso, para uma educação integral da pessoa, é fundamental desenvolver uma verdadeira “cultura de participação”, onde se empenham todos os intervenientes, e entendemos também que é prioritário nos educadores uma nova autoridade que “é mais do que um poder”.

2.1 Uma “cultura de participação”

O principal objetivo da educação é suscitar e favorecer a harmonia pessoal, a verdadeira autonomia, a construção progressiva e articulada dos aspetos racional e volitivo,

⁸ *Ibidem*, nº 7.

⁹ LBSE - Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro. A LBSE já foi alterada pela Lei n.º 115/97, de 19 de Setembro.

afetivo e emocional, moral e espiritual. Porém, exige uma atmosfera criada por todos os intervenientes e um empenhamento concertado dos diversos agentes educativos.¹⁰

Todos concordamos que a escola deve desenvolver uma cultura de participação, que saiba partilhar a educação com a família, com os trabalhadores não docentes, com a comunidade envolvente e assim todos possam contribuir para o desenvolvimento pleno e harmonioso dos alunos.

“Todos os parceiros e agentes educativos devem identificar e concertar as suas responsabilidades, elevar e explicitar as suas propostas educativas. A sociedade civil é o espaço natural para aí surgirem iniciativas que enfrentem a tarefa educativa com esperança e entusiasmo. Cabe ao Estado dar suporte a essa pluralidade através de propostas subsidiárias e complementares.”¹¹

Por isso, a escola exige responsabilidades de todos os que nela intervêm e contribuem para uma melhoria do ensino, quer sejam professores, alunos, pais ou outros. Mas, o papel do professor, como principal impulsionador e dinamizador, é e será determinante para o sucesso de qualquer reforma do sistema educativo.

Assim, abordaremos a escola como um espaço de interação, bem como as formas de participação dos seus intervenientes. Porque compreender a ação dos que fazem a escola levamos a conhecer o estatuto de cada membro e os papéis a eles associados, as normas organizacionais que orientam a interação e o contributo de cada um para a prossecução das atividades. É na conjugação destes fatores que se definem as formas de cada um estar na escola.

Pensar numa organização exige forçosamente que se pense nas pessoas que a constituem, que trabalham e cooperam na obtenção de objetivos comuns e nas relações que estabelecem entre si.

Qualquer organização é caracterizada pelas relações que se estabelecem entre os seus membros. É neste contexto que as relações interpessoais se vão aprofundando, as pessoas convivem, trocam experiências, e ao mesmo tempo desenvolvem perceções partilhadas e recíprocas. Essas relações dependem em grande parte da posição que cada um ocupa no universo hierarquizado da organização.

Mas a escola é uma organização especial. Com efeito, será difícil encontrar atividades que não sejam desenvolvidas ou a pensar, na interação com os outros intervenientes no processo educativo (quer sejam professores, alunos, pais, funcionários ou outros). Por isso, a

¹⁰ Cfr. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação: Direito e dever - Missão Nobre ao Serviço de Todos*, Carta Pastoral 1, 2002, nº 6.

¹¹ *Ibidem*, nº 7.

escola distingue-se das outras organizações empresariais, pois é nela que, por um lado, se lida com seres humanos, realizando uma ação com fortes implicações ideológicas e políticas; por outro lado, a maior parte dos trabalhadores (alunos) têm como “objeto” o seu próprio desenvolvimento, devendo os profissionais facilitar este trabalho (de autoconstrução).

É desejável que, dentro da sua autonomia, a escola se abra ao meio e que toda a comunidade envolvente se empenhe num trabalho educativo em convergência. A conjugação de esforços de todos os parceiros educativos resulta num maior bem para a pessoa e para a sociedade.¹²

Sem termos qualquer pretensão de exaustividade na análise da LBSE, valerá a pena lembrar algumas referências marcantes acerca da necessidade de participação, como eixo central da orientação do sistema educativo. Iremos evidenciar exclusivamente dois dos seus artigos:

Artigo 43.º: 1 - “A administração e gestão do sistema educativo devem assegurar o pleno respeito pelas regras de democraticidade e de participação (...).

2 - O sistema educativo deve ser dotado de estruturas administrativas (...) que assegurem a sua interligação com a comunidade mediante adequados graus de participação (...).”

Artigo 45.º: 2 - “Em cada estabelecimento ou grupo de estabelecimentos de educação e ensino a administração e gestão orientam-se por princípios de democraticidade e de participação de todos os implicados no processo educativo, tendo em atenção as características específicas de cada nível de educação e ensino”.

Será de acrescentar que, da leitura que se faz à referida Lei, encontram-se as palavras “participação”, juntamente com “participar” e “participativo”, referenciadas catorze vezes.

A participação, cada vez mais, será uma exigência e um investimento para a eficácia e a qualidade da educação na escola, procurando constituir-se em incentivo ao trabalho, à capacidade de organização e ao reconhecimento social. Só assim se poderão valorizar todos os atores que colaboram no processo educativo. No terreno, através de um processo gradual mas seguro, pretende-se que, pela experiência e pela aprendizagem da participação, sejam dadas respostas positivas à comunidade educativa, que se promova em liderança democrática e, simultaneamente, criativa, que resulte em estabilidade e em coerência entre o projeto educativo, os recursos, os instrumentos, as atividades e as diferentes formas de organização.

Assim, a participação não pode limitar-se a uma solução regulamentada. Deve consolidar-se pela criação de condições que permitam uma resposta adequada aos desafios que se põem ao serviço da educação na vida da escola. A participação não é um fim em si

¹² Cfr. *Ibidem*, nº 28.

mesmo; é, no fundo, uma estratégia que permitirá à escola, um melhor desempenho, uma melhor gestão das suas funções.

Nesta perspetiva, deve-se recusar uma solução de modelo uniforme, adotando-se uma lógica de matriz que determine a consagração da participação. A participação de toda a comunidade educativa nas políticas educativas e nas modalidades organizativas da escola, terá de fomentar a reorganização administrativa e, sobretudo, a relação entre o poder central e a escola, entre o *Estado educador* e a sociedade. Estarão em causa conceitos como a descentralização, a dimensão local das políticas educativas, a *autonomia conquistada* e a participação dos atores educativos. Cada vez mais a educação é uma responsabilidade repartida, é de todos e não apenas de um só indivíduo ou de alguns sectores.

Neste sentido, há que garantir uma partilha de responsabilidades nas práticas de uma gestão participada - envolvendo-se todos aqueles que estão diretamente ligados ao processo educativo de cada escola - mesmo que em contextos pouco legais ou de autonomia limitada. Com convicção e experiência neste ritual, aliadas a um espírito de iniciativa e inovação, é possível operacionalizar, não raras vezes de forma intuitiva, uma cultura de participação nas nossas escolas, ultrapassando-se dificuldades e barreiras, que podem ter origem em limitações legais, nos conflitos de interesses ou, muito simplesmente, na dificuldade de determinadas pessoas se entrosarem com o espírito e os objetivos do trabalho coletivo.¹³

“As escolas, os professores, os pais, as autarquias, as associações profissionais, culturais e outras de interesses socioeconómicos, a comunidade circundante dos estabelecimentos de ensino, não estão ainda suficientemente articulados entre si, mormente a nível local, para favorecer um clima educativo sadio e para combater o ambiente de permissividade e de descrédito que se instalou em muitas instituições escolares. As desarticulações entre estes agentes têm tido consequências dramáticas para uma aprendizagem de qualidade, quer na “idade escolar” quer ao longo de toda a vida e com a vida. Os esforços articulados e solidários de cada comunidade são decisivos para uma nova aposta na educação e para a melhoria da escola portuguesa.”¹⁴

2.2 Autoridade na educação: “mais do que um poder”

“Uma nova doutrina e com tal autoridade!” (Mc 1,27) Jesus surpreende, não tanto pelo que ensina, mas pelo modo como ensina: “porque os ensinava com autoridade e não como os

¹³ Cfr. João BARROSO, *Para o Desenvolvimento de uma Cultura de Participação na Escola*, Instituto de Inovação Educacional - Cadernos de organização e gestão escolar, Lisboa, 1998, 16.

¹⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Escola em Portugal - Educação integral da pessoa humana*, nº 15.

escribas” (Mc 1,22). O que está em causa, não é a matéria de ensino. A sua autoridade não lhe vem da idade, nem do curso superior, nem do voto do povo, nem de um lugar de poder. Vem-lhe, afinal, de dentro, vem-lhe da coerência do seu testemunho: Ele diz e faz. Ele faz o que diz. A sua Palavra é eficaz e os seus gestos falam por si. Sem dúvida, “o testemunho da vida é a forma simples e espontânea de irradiar valores e a credencial das palavras que se comunicam”¹⁵.

Aqui está um verdadeiro desafio, para todos os educadores: o de uma autoridade “que é mais do que um poder”. Assim o diz, aliás, o psiquiatra Daniel Sampaio: “Não se pode educar, ensinar ou dirigir sem autoridade! Um pai recebe um poder legítimo para educar; um professor é investido do poder para ensinar; um chefe democrático é escolhido para dirigir. A autoridade, todavia, é mais do que um poder, permite ir mais além se for legitimada pela dignidade pessoal de quem a exerce”.¹⁶ De facto, “a autoridade do ‘mestre’ em educação, passa mais pelo que ele vive e faz e não só pelo que diz. Educar, como processo de conduzir e alimentar, não é substituir-se ao educando: é caminhar com ele. Nesse caminho comum, os modelos e a palavra testemunhada pela vida têm lugar relevante, mesmo insubstituível”¹⁷.

Fala-se hoje muito de voltar a dar autoridade aos professores, até de penalizar os pais, que são permissivos na educação dos filhos, de investir na autoridade dos agentes de segurança. E a tentação, para repor a ordem na casa, na escola e na sociedade, pode ser a de um novo autoritarismo. Todos reconhecemos que “numa sociedade em que os direitos são sempre realçados e onde não é usual falar de deveres, em territórios onde impera o individualismo e o narcisismo, o exercício da autoridade não é fácil”¹⁸.

Todavia, “pais e professores lúcidos sabem que não podem voltar a espancar os mais novos, mas por vezes hesitam no caminho a seguir, deixando instalar a permissividade e o caos, como acontece em muitas casas e em tantas escolas. A pedagogia da submissão acabou, mas a pedagogia da liberdade organizada, tem ainda de fazer o seu caminho. Os adultos que educam ou ensinam, por vezes esquecem como o afeto e a exigência são as armas fundamentais a utilizar junto dos mais novos. Ser exigente sem afeto é introduzir a frieza das regras e dos castigos, onde deveria estar o amor e a compreensão. Ser afetuoso sem exigir, é acolher sem limites e impedir a autonomia e a resistência à frustração. A verdade é que a autoridade, face às crianças, tem de partir de uma base segura de entendimento, onde o mais novo, sinta confiança no mais velho e este esteja disponível para a viagem conjunta que é a

¹⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação: Direito e dever - Missão Nobre ao Serviço de Todos*, nº 14.

¹⁶ DANIEL SAMPAIO, *A deriva autoritária*, in Revista Pública, 22.01.12, 49

¹⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação: Direito e dever - Missão Nobre ao Serviço de Todos*, nº 14.

¹⁸ DANIEL SAMPAIO, *A deriva autoritária*, op. cit., 49.

construção de uma relação. Os pais com autoridade, sem autoritarismo, são calorosos com os seus filhos e educam com firmeza para a responsabilidade, pois não ignoram que o mais importante é ligar a disciplina ao ensino e ao autocontrolo da criança. Nunca ao medo do castigo, ou ao fantasma da retaliação. Por isso, a educação tem de se preocupar com a formação do carácter dos mais novos, para além do esforço exigido com a melhor aprendizagem dos conteúdos”¹⁹.

Para Daniel Sampaio, lutar pela formação de um carácter forte e atento aos demais exige uma mistura bem doseada de firmeza e afeto, nem sempre conseguida pelos educadores de hoje. A autoridade deve basear-se numa relação continuada de empatia, sentido do outro e confiança. Tudo o que põe em risco a segurança dos filhos não deve ser tolerado pelos pais. Concluiu que a autoridade merecida se sedimenta na relação e na capacidade de transmitir uma educação moral ou de carácter, um conjunto de orientações de princípios éticos que incluem o respeito mútuo, a hierarquia e a comunicação.

Na tradição cristã, o testemunho faz parte essencial do anúncio: o ser é o processo mais eficaz e o suporte didático mais autêntico do aprender a ser. Por isso se aplica a todo o educador cristão, esta máxima de vida: “*crê o que lê, ensina o que crês, vive o que ensinas*” (Pontifical da Ordenação de Diácono)²⁰.

A esta luz, vou procurar no capítulo seguinte desenvolver o lugar e a pertinência da disciplina de EMRC.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ Cfr. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação: Direito e dever - Missão Nobre ao Serviço de Todos*, nº 14.

CAPÍTULO II - A EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

Neste capítulo vou analisar o papel da disciplina de EMRC nas escolas, enquanto presença da Igreja na escola mas distinto da catequese. Será referido também o perfil do professor, devido à sua especificidade.

1 - O porquê de uma educação religiosa

Se podemos falar numa “sociedade sem valores”, também é verdade que nunca se tenha falado tanto em ética. Porém, “a ética é abordada, na maioria dos casos e quando muito, como meio para uma convivência feliz e sadia entre os seres humanos, no contexto de uma sociedade determinada. Para isso, parece bastar que os seres humanos aceitem algumas normas básicas de convivência e respeito mútuo, próprias da respetiva sociedade ou cultura.”²¹ Neste contexto, parece estar em causa uma fundamentação da ética para além da sua funcionalização ou redução às normas de uma sociedade ou cultura particulares.

Para muitos jovens a religião aparece como uma moral e um conjunto de proibições e não como uma fonte de vida, implicando uma ética. De certa forma, nas escolas, orientadas para valores económicos, a questão do sentido, tão central para estruturar uma consciência livre e orientada, já não se coloca.

Deste modo, a orientação religiosa surge como possibilidade de fundamentação última da nossa atuação. “Da religião nasce a mais profunda fundamentação da dignidade, da liberdade, da responsabilidade e da solidariedade universais.”²² A importância da educação religiosa está fundamentada na centralidade do valor da pessoa humana.

“A escola acaba por ser muitas vezes reflexo da sociedade e dos seus problemas e sofre por isso, em si mesma, as condicionantes, as influências, as debilidades e as oscilações políticas, ideológicas, económicas, tecnológicas e culturais da sociedade em que está inserida.”²³ Os bispos portugueses consideram também que o processo de globalização, que caracteriza o mundo contemporâneo, tem a sua influência na educação pelas muitas potencialidades que oferecem oportunidade de acesso e de intercâmbio de conhecimentos, tecnologias e bens culturais, mas exige assumir o risco de uma imitação generalizada das

²¹ João DUQUE, *Cultura contemporânea e cristianismo*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, 22.

²² *Ibidem*.

²³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Escola em Portugal - Educação integral da pessoa humana*, nº 11.

expressões culturais e dos comportamentos, pela imposição do mais forte sobre o mais fraco.²⁴

De facto, ainda hoje, a socialização religiosa faz-se sobretudo no contexto da família, no entanto cada vez menos. Muito frequentemente a educação cristã no contexto da família é quase ausente quando os pais têm menos de 50 anos e a substituição pelos avós é muito reduzida. Os meios de comunicação social não falam da fé cristã, e quando o fazem, fazem-no muitas vezes de forma negativa ou sensacionalista. Os grupos juvenis cristãos, onde ainda têm importância, são fortemente secularizados. Enfim, os jovens não representam senão uma percentagem mínima dos praticantes regulares. Há apenas dois lugares onde as crianças podem ainda receber uma informação sobre o cristianismo e uma verdadeira catequese: a escola e os grupos de catequese paroquiais ou familiares.²⁵

A importância sociocultural do fenómeno religioso ocupa um lugar indiscutível na tradição histórica e cultural dos diferentes grupos humanos e continua a representar, para muitas pessoas, uma referência verdadeiramente significativa da sua própria conceção da vida, da sociedade e da história.

Não nos podemos dispensar de conhecer o facto religioso, aprender o seu alcance, situar-nos face a ele e dialoga-lo com pessoas diversas. Independentemente do que pensamos sobre a Religião, ela é um facto que conta e que a escola não pode rejeitar.²⁶

Daí a urgência de uma séria educação moral para todos. Educação que, para o ser, deve estar muito atenta aos conteúdos éticos (objeto) e à pessoa (sujeito) destinatária desses conteúdos, pois uma pessoa só está eticamente educada na medida em que descobrir e livremente assumir, por convicção, os valores éticos.²⁷

2 - A presença da Igreja na escola

Por muito tempo e em muitos países, a escola foi um ambiente normal de catequese, geralmente na forma de ensino da religião. Em muitos casos, foi um lugar privilegiado e praticamente exclusivo para o desenvolvimento catequético na idade escolar (países como a Alemanha, Áustria, Holanda, Inglaterra). Esta prática sofreu um forte questionamento no período pós-conciliar, que em alguns casos originou à sua contestação.

²⁴ Cfr. *Ibidem*, nº 13.

²⁵ Cfr. Jan KERKHOF, *Perspetivas ou tendências da educação na Europa*, op. cit., 82-83.

²⁶ Cfr. Deolinda SERRALHEIRO, *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Portuguesa*, Editora Rei dos Livros, Lisboa, 1990, 24-25.

²⁷ Cfr. Américo VEIGA, *A Educação Hoje - A realização integral e feliz da pessoa humana*, 289.

Hoje, podemos colocar a questão essencial do lugar da Igreja na escola, na defesa de uma “educação integral” da pessoa humana?

2.1 A religião na escola

“No passado, a época moderna viu na Europa a presença pacífica da catequese no interior da instituição escola. Na origem há o facto de que a escola na Europa nasceu e se desenvolveu por iniciativa e sob o controle das Igrejas.”²⁸ Assim, o catecismo na escola, forma pacífica da “Igreja na escola”, tornou-se um instrumento válido de socialização religiosa.

“Com a afirmação do iluminismo e da secularização, principalmente no século XIX, a situação tornou-se problemática, uma vez que se passou a reivindicar a autonomia das instituições civis, especialmente a escola, muitas vezes em conflito com a instituição eclesiástica.”²⁹ Isso levou a que em alguns casos se instaurasse uma colaboração pacífica entre Estado e Igreja, ao passo que em outros chegou-se a uma rutura, a formas diversas de acordo, como no caso das concordatas. Pela parte da Igreja, para legitimar a presença do ensino religioso confessional na escola, recorreu-se geralmente à afirmação do direito da Igreja de desenvolver a própria missão nas instituições civis e, ao nível pedagógico, por dois argumentos tradicionais: o direito dos pais de assegurar aos filhos o tipo de educação desejado e a importância da dimensão religiosa como parte de uma educação integral.³⁰

Com o Concílio Vaticano II³¹, questionou-se a presença da religião na escola como “Igreja na escola” e cresceu a convicção de que, numa sociedade pluralista e democrática, não se pode invocar a missão evangelizadora da Igreja para manter, na escola de todos, de forma institucionalizada, um ensino religioso na escola catequético.

“Em termos pedagógico-escolares, o que se pergunta é se o tema “religião” pertence ou não ao projeto educativo e didático de uma escola moderna, sem invocar posições de privilégio ou juízos de fé próprios dos crentes: deve ser um raciocínio aceitável por qualquer pessoa que seja sensível ao problema educacional e compartilhe uma conceção aberta da

²⁸ Emilio ALBERICH, *Catequese evangelizadora - Manual de catequética fundamental*, Editora Salesiana, São Paulo, 2007, 284.

²⁹ *Ibidem*, 285.

³⁰ Cfr. *Ibidem*, 285-286.

³¹ O Concílio Ecuménico Vaticano II (1962-1965) foi convocado no dia 25 de dezembro de 1961, através da bula papal “*Humanae salutis*”, pelo Papa João XXIII. Este mesmo Papa inaugurou-o no dia 11 de outubro de 1962. O Concílio, realizado em 4 sessões, só terminou no dia 8 de dezembro de 1965, já sob o papado de Paulo VI. Este Concílio significou uma mudança importante para o nosso tema, quer pela nova visão da Igreja e da sua missão, quer pela sensibilidade que se criou em relação aos valores da modernidade (a laicidade, a liberdade religiosa, o senso democrático, a intolerância a toda a forma de privilégio).

missão da escola.”³² Leva-nos, desta forma, a questionar sobre os argumentos tradicionais: por um lado, o argumento do respeito pelo direito dos pais quanto à educação religiosa dos filhos tem sempre o seu valor, mas também tem os seus limites, na medida em que precisa de respeitar os direitos e exigências dos próprios alunos, da sociedade em geral e do trabalho educacional; por outro lado, o argumento da exigência de uma educação integral da pessoa humana com a sua dimensão religiosa pode ser um argumento convincente para os crentes, mas não o é para todos, porque pressupõe um juízo de valor sobre o facto religioso não partilhado por todos.

“O argumento mais válido, mesmo para os não-crentes, que pode justificar o ensino religioso na escola de todos, parece ser o da importância educacional e sociocultural do facto religioso na nossa sociedade.”³³ A importância educacional da questão religiosa porque a religião procura responder sobre o sentido da vida, da existência e da história. Tem também uma grande importância sociocultural, pertencendo à religião em muitas nações grande parte do património cultural e histórico.

Podemos concluir que o ensino religioso, “enquanto parte integrante do projeto da escola, deve assumir plenamente as exigências e as características próprias da abordagem escolar: seriedade da programação, proposição científica, abertura à pesquisa, inserção no projeto educativo da escola, qualificação adequada dos professores, etc. o carácter específico do ensino religioso entre as disciplinas escolares não deve fazer que se deixem de atender aos requisitos didáticos e pedagógicos, próprios de todas as atividades da escola.”³⁴

2.2 A Educação Moral e Religiosa Católica

A escola tem como grande característica acompanhar o aluno a adquirir gradual e progressivamente consciência da própria identidade pessoal, social e cultural. Neste processo de crescimento intelectual e moral, a EMRC, confessional quanto aos conteúdos e aos docentes, enquadra-se no projeto educativo da escola.

Segundo Alberich, os objetivos do ensino religioso podem ser apreendidos tomando-se como base uma tríplice tarefa: informação (proporcionar aos jovens um conhecimento sério e articulado do fenómeno religioso), formação (proporcionar aos jovens um confronto sério com questões fundamentais relativas ao sentido da vida e às últimas realidades humanas) e

³² Emilio ALBERICH, 287.

³³ *Ibidem*.

³⁴ *Ibidem*, 289.

educação para a paz (numa sociedade complexa e multirreligiosa, é urgente educar para a convivência pacífica e o diálogo).³⁵

A dinâmica privilegiada na EMRC é o diálogo fé-cultura, numa sociedade progressivamente multicultural e multirreligiosa, e na abertura crítica da busca de sentido tendo em consideração todas as dimensões da pessoa humana.

Assumindo a necessidade da formação integral dos jovens, a escola abraça a educação em e para valores como espaço privilegiado do desenvolvimento pessoal e social, onde surge a necessidade de integrar o facto religioso, enquanto dimensão intrínseca da cultura. Assim, a EMRC é portadora do fenómeno religioso enquanto facto histórico, cultural e de identidade e, em meio escolar, possibilita um enriquecimento cultural, promove a tolerância e o respeito pelos outros, contribui para uma melhor compreensão do mundo atual. Neste contexto, consideramos importante a referência aos tempos litúrgicos da Igreja no programa da disciplina de EMRC. De referir, que os períodos letivos estão divididos conforme as celebrações litúrgicas mais importantes: o Natal e a Páscoa. Estas celebrações enquadram-se, assim, no projeto educativo da escola.

“A EMRC, enquanto consideração séria e organizada do facto religioso, longe de contradizer as tarefas da instituição escolar, constitui um elemento integrante e responde plenamente à finalidade da escola que quer ser educativa numa sociedade pluralista e democrática. Por essa razão, a EMRC deve assumir plenamente as exigências e o carácter próprio da realidade escolar - seriedade dos programas, qualidade científica, participação no projeto educativo e didático da escola, medidas de avaliação, qualificação adequada aos professores.”³⁶

O currículo da EMRC, ao proporcionar uma identificação cultural com o sentido e os significados do agir humano, serve-se de uma metodologia existencial e hermenêutica de maneira que não se restrinja a uma clarificação de valores, mas conduza a uma vivência ética e a uma educação moral e religiosa.³⁷

A disciplina de EMRC, enquanto ato educativo, é composta por dois momentos complementares. É, em primeiro lugar, uma educação para a dimensão humana, consistindo numa reflexão crítica sobre a experiência existencial do aluno e do mundo que o envolve. Em segundo lugar, é uma educação para a dimensão religiosa, consistindo esta numa interpretação da mensagem cristã, tendo em vista uma compreensão pessoal e de grupo dos dados da fé. É,

³⁵ Cfr. *Ibidem*, 290.

³⁶ Deolinda SERRALHEIRO, *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Portuguesa*, 25.

³⁷ Cfr. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Ed. SNEC, Lisboa, 2007, 22.

simultaneamente, uma educação para a dimensão moral, onde se procura realizar uma releitura cristã da experiência humana e uma elaboração ética pessoal e comunitária.³⁸

Podemos afirmar que a primeira finalidade da EMRC prende-se com a compreensão da cultura em que se vive. Na realidade, as nossas raízes socioculturais estão marcadas pela religião cristã e pelo seu sistema de valores correspondente. Pensamos que não se pode conceber essa tradição portuguesa, essa matriz e esse património cultural da nação, de cariz europeu e universalista, sem o cristianismo que, de diversos modos, foi um dos motores da sua criação, da sua povoação, educação e expansão, assim como o grande inspirador dos seus mais belos tesouros artísticos, linguísticos e humanitários.³⁹

Em última análise, “a educação é um processo que conduz à realização da pessoa, em ordem à sua relação com os outros e com o universo. Ora Deus é o Outro absoluto com O qual o ser humano é chamado a entrar em relação. Há no ser humano uma procura de liberdade, uma constante procura de sentido, que não é possível satisfazer plenamente sem fazer apelo aos valores religiosos.”⁴⁰ Assim, todo o ser humano visa uma procura de sentido, que não é possível satisfazer sem recorrer aos valores religiosos. A questão religiosa é assim uma dimensão decisiva.

2.3 Catequese e Educação Moral e Religiosa Católica: distinção e complementaridade

A educação tem a importante tarefa de promover todos os autênticos e perenes valores da humanidade, nas novas formas do nosso tempo. O que é verdadeiramente nuclear para a educação é a formação da pessoa na sua totalidade. Ora a tradição cristã aponta um caminho preciso de realização humana.

O cristianismo continua empenhado no processo educativo. A Catequese eclesial e a EMRC são duas apostas e dois desafios para o dinamismo evangelizador da ação pastoral da Igreja.

A EMRC e a catequese têm a sua identidade específica, distinguindo-se na complementaridade pelo seu enquadramento (escola/comunidade cristã); os seus destinatários (alunos/crentes e simpatizantes); os seus objetivos (encontro reflexivo do fenómeno religioso/amadurecimento da fé); os seus fins (análise da questão da existência de Deus, procura de sentido da vida, síntese de fé e cultura/tomada de posição religiosa pessoal,

³⁸ *Ibidem*, 31-32.

³⁹ *Ibidem*, 23.

⁴⁰ Deolinda SERRALHEIRO, *O ato educativo religioso e moral*, Edição do Secretariado Nacional da Educação Cristã, col. “Educar na fé hoje” 5, Lisboa, 1993, 51.

compreensão, celebração de fé e compromisso eclesial); os seus conteúdos e métodos (abordagem educativa e facto religioso/contacto com a Palavra de Deus e celebração da fé).⁴¹ Trata-se, mais do que uma relação de contraposição ou de atividades em alternativa, de uma “relação de distinção e complementaridade”⁴².

Podemos considerar que a EMRC e a catequese são, pois, duas situações de aprendizagem importantes para a educação integral das crianças e dos jovens. São duas ações da Igreja e em Igreja, que procuram ajudar à construção de uma consciência livre, madura e responsável estruturando-os na verdade, no amor e na capacidade racional perante si, perante os outros e perante Deus.

A Bíblia é, para estes dois espaços educativos, uma referência interpelativa e provocadora de uma nova maneira de ser e de agir. Catequese e EMRC oferecem a proposta da mensagem cristã e a Pessoa de Jesus Cristo; assumem-se como uma educação de transformação a nível pessoal e a nível comunitário e social, suscitando nos destinatários atitudes de autenticidade, coerência, respeito mútuo e solidariedade.

Não podemos desligar destas duas ações o papel fundamental da família ao serviço da educação da fé. “A educação cristã na família, a catequese e o ensino religioso escolar, cada um segundo as suas características específicas, estão intimamente relacionados, no serviço da educação cristã das crianças, dos adolescentes e dos jovens.”⁴³

3 - Perfil do professor de Educação Moral e Religiosa Católica

Por tudo o que foi dito antes acerca da EMRC, o papel dos professores merece uma atenção especial. É fundamental o modo de ser e a competência do professor, do qual se exige um sério profissionalismo. “Propostos pelos Bispos Diocesanos e nomeados pelo Ministério da Educação, devem ser criteriosamente escolhidos, tendo em conta as condições legais de qualificação científica e pedagógica, o jeito e o gosto pela missão educativa, a capacidade de relação e de integração escolar, o equilíbrio e a maturidade humana, o testemunho de uma vida cristã coerente e comprometida eclesialmente, a disposição para assumir as orientações diocesanas e nacionais neste domínio do ensino.”⁴⁴

Reconhece-se que é de primordial importância que o professor se sinta implicado no que ensina, dando testemunho da sua vivência. Neste contexto, considera-se importante

⁴¹ Cfr. IDEM, *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Portuguesa*, 26-27.

⁴² CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral de Catequese (DGC)*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, nº 73.

⁴³ *Ibidem*, nº 76.

⁴⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica - Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Carta Pastoral 1, 2006, nº 5.

incluir a vivência da liturgia da Igreja nos conteúdos que o professor ensina. Isso não quer dizer que oriente o ensino e a aprendizagem de modo tal que os alunos se sintam na obrigação de assumir o que o professor ensina. A perspectiva do professor deve ser a mesma da Igreja, em forma de proposta e dádiva colocada perante a liberdade e boa vontade de cada pessoa. É, assim, função do professor esclarecer os conteúdos com rigor e clareza, no respeito pelas perspectivas dos alunos, estimulando o desenvolvimento de consciências críticas.⁴⁵

Ser professor de EMRC é muito mais do que ser professor de qualquer outra disciplina, devido à sua especificidade. Ser pessoa religiosa torna-me diferente e ajuda de certa forma a marcar essa diferença. Os jovens são muito sensíveis à autenticidade da palavra e do testemunho e procuram “espaços onde a esperança é vivida, uma esperança que crê num futuro melhor para este mundo e numa perspectiva para além da história”⁴⁶.

Podemos destacar três aspetos fundamentais, que intimamente se relacionam, para definir o perfil geral do professor de EMRC: 1º personalidade humana (equilíbrio, humano, maturidade, facilidade de estabelecer relações interpessoais, postura cívica e ética); 2º personalidade docente (propensão para a educação e o ensino, aptidão científica e profissional, compromisso na aquisição de formação permanente, capacidade de liderança); 3º personalidade crente (fé comprometida, testemunho de coerência e integridade de vida, clareza e objetividade na transmissão da fé e da doutrina da Igreja, capacidade para criar nos alunos abertura à dimensão religiosa e à busca de opções pessoais, capacidade para ajudar a amadurecer nos alunos as interrogações de sentido para a vida).⁴⁷

4 - Considerações finais sobre a primeira parte

Depois do que foi abordado nas páginas anteriores, irei agora iniciar outra parte. Na próxima parte irei refletir sobre o tema do Natal e quais os valores que a ele devem estar associados. Apesar da mudança de tema, ambas as partes estão relacionadas.

O Natal é uma festa religiosa, mas também um acontecimento social muito valorizado. Ao abordar o Natal com as crianças, não devemos ficar só na dimensão social e familiar, ainda que positiva, se os pais fazem a opção pela educação religiosa dos filhos. O Natal que celebramos é o de Jesus, e é, por isso mesmo, mais do que uma vaga festa de bons

⁴⁵ Cfr. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 21.

⁴⁶ Jan KERKHOFS, *Perspetivas ou tendências da educação na Europa*, op. cit., 86-87.

⁴⁷ Cfr. Tomaz SILVA NUNES, *O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica*, Edição do Secretariado Nacional da Educação Cristã, in Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica, Lisboa, 2005, 93.

sentimentos. A forma como o Natal é vivido na nossa sociedade, mesmo por muitos cristãos, coloca às crianças algumas questões para a compreensão da sua mensagem⁴⁸.

Numa sociedade em que o Natal é desvirtuado da sua originalidade, em que se procura “ofuscar” o sentido religioso das principais celebrações da liturgia cristã, é necessário procurar que os alunos redescubram o sentido do Natal.

Vai ser então com base nestes valores que planifico a UL *Advento e Natal* a lecionar ao 6º 3, no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, tendo em vista a minha formação enquanto docente da disciplina de EMRC.

⁴⁸ Cfr. Miguel Ângelo GOMES, *O Ensino da Religião no Jardim de Infância – Perspetivas cultural e confessional*, Edição da Universidade do Minho, Braga, 2002, 152.

II PARTE
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA UNIDADE LETIVA ADVENTO E NATAL

CAPÍTULO I - ADVENTO, TEMPO DE ESPERANÇA

Neste primeiro capítulo irei abordar e refletir o tema *Advento e Natal* de forma a fundamentar cientificamente as aulas a planificar e a lecionar à turma 6º 3 da escola EB 2,3 Dr. Francisco Sanches. Darei realce ao sentido do Advento e Natal e a importância da sua celebração litúrgica na Igreja, pois considero essencial que a disciplina de EMRC tenha como um dos seus objetivos a vivência e a descoberta do verdadeiro sentido dos tempos fortes do ano litúrgico.

Nesse sentido, apresentarei o Advento como um tempo particularmente de esperança pela importância que a fé cristã deposita no mistério da Encarnação de Jesus Cristo. É um tempo de esperança, de alegria e expectativa. A grande virtude deste tempo é a esperança.

1 - Advento: Deus vem

O Advento é o tempo litúrgico que antecede a celebração do Natal para os cristãos, é o primeiro tempo do ano litúrgico. Começa nas vésperas do domingo mais próximo do dia 30 de novembro e vai até às primeiras vésperas do Natal contando quatro domingos.

“Apesar do tempo do Advento ser o primeiro elemento proposto pelo atual ciclo do Natal, dentro do ano litúrgico, ele é na verdade o último elemento a compor este ciclo, do momento em que, do ponto de vista cronológico, as primeiras notícias relativas ao seu surgimento são do século IV.”⁴⁹ Era um período preparatório para a festa do Natal na Hispânia e das Gálias, e tratava-se de preparação antes ascética que litúrgica. O concílio de Zaragoza do ano de 380 manda frequentar a igreja desde o dia 17 de dezembro até à Epifania.⁵⁰ Há relatos de que o Advento começou a ser vivido entre os séculos IV e VII em vários lugares do mundo, como preparação para a festa do Natal. No final do século IV na Gália (atual França) e na Espanha, tinha caráter ascético com jejum, abstinência e duração de 6 semanas como na quaresma (quaresma de S. Martinho). Este caráter ascético para a preparação do Natal devia-se à preparação dos catecúmenos para o batismo na festa da Epifania.

Somente no final do século VII, em Roma, é acrescentado o aspeto escatológico do Advento, recordando a segunda vinda do Senhor e passou a ser celebrado durante 5 domingos. Só mais tarde é que o Advento passou a ser celebrado nos seus dois aspetos: a

⁴⁹ Emanuel BARGELLINI e Gabriel FRADE, *À espera da sua vinda: uma leitura teológico-litúrgica do tempo de Advento-Natal-Epifania e sua ligação com a páscoa* in *Revista de Cultura Teológica* 74, 2011, 117.

⁵⁰ Cfr. AA.VV., *A celebração na Igreja III - ritmos e tempos da celebração*, Edições Loyola, São Paulo, 2000, 167.

vinda definitiva do Senhor e a preparação para o Natal, mantendo a tradição das 4 semanas. A Igreja entendeu que não podia celebrar a liturgia, sem levar em consideração a sua essencial dimensão escatológica.

O tempo do Advento, que é preparação para o ciclo de Natal-Epifania, tem como tarefa preparar-nos para receber o Senhor que vem e se manifesta a nós. A manifestação do Senhor tem dois aspetos: o primeiro é o da manifestação em nossa carne ao nascer, que constitui a sua primeira vinda. O outro aspeto é o da sua manifestação gloriosa no final dos tempos, que constitui a sua segunda vinda. Terá por conseguinte esta dupla estrutura: será Advento escatológico e Advento Natalício. O primeiro compreende o tempo que vai do primeiro domingo do Advento ao dia 16 de dezembro inclusive; o segundo constitui-se pelas férias de 17 a 24 de dezembro que propõem a preparação mais imediata para a festa do Natal.⁵¹

Na linguagem do mundo antigo, “adventus” era um termo técnico utilizado para indicar a chegada de um funcionário, a visita do rei ou do imperador a uma província. No entanto, podia indicar também a vinda da divindade, que sai do seu escondimento para se manifestar com poder, ou que é celebrada presente no culto.

O Apóstolo Paulo recorre precisamente a esta palavra: “vinda”, que em grego é “parusia” e em latim, “adventus” (1 Ts 5,23). Segundo a comum tradução deste texto, Paulo exorta os cristãos de Tessalónica a conservar-se irrepreensíveis “para a vinda” do Senhor. Mas no texto original lê-se “na vinda” (εν τη παρουσια), como se o Advento do Senhor fosse, mais que um ponto futuro do tempo, um lugar espiritual pelo qual caminhar já no presente, durante a espera, e dentro do qual precisamente ser conservados perfeitos em cada dimensão pessoal.⁵²

Os cristãos adotaram a palavra “Advento” para expressar a sua relação com Jesus Cristo: Jesus é o Rei, que entrou nesta pobre “província” denominada terra para visitar todos; na festa do seu Advento faz participar quantos nele crêem, aqueles que acreditam na sua presença na assembleia litúrgica. Substancialmente, com a palavra “adventus” desejava-se dizer: Deus está aqui, não se retirou do mundo, não nos deixou sozinhos. Embora não O possamos ver nem tocar, como acontece com as realidades sensíveis, Ele está aqui e vem visitar-nos de múltiplos modos.

A expressão “Deus vem” é tão sintética, mas contém em si uma força de sugestão sempre nova. Não se usa o passado “Deus veio” nem o futuro “Deus virá” mas sim o

⁵¹ *Ibidem*, 174-175.

⁵² Cfr. BENTO XVI, *Homilia do Papa Bento XVI na celebração das primeiras vésperas do I Domingo do Advento*, 26 de novembro de 2005, in http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20051126-vespri-avvento_po.html, consultado no dia 10.03.2012.

presente: “Deus vem”. Trata-se, em última análise, de um presente contínuo, ou seja, de uma ação sempre em ato: aconteceu, acontece agora e voltará a acontecer. Em qualquer momento, “Deus vem”.

O único Deus verdadeiro, não é um Deus que está no céu, desinteressando-se por nós e pela nossa história, mas é o Deus-que-vem. É um Pai que nunca cessa de pensar em nós e, no respeito extremo pela nossa liberdade, deseja encontrar-nos e visitar-nos; quer vir, habitar no meio de nós, permanecer connosco. O seu “vir” é impelido pela vontade de nos libertar do mal e da morte, de tudo o que impede a nossa verdadeira felicidade. Deus vem para nos salvar.

O verbo “vir” aparece aqui como um verbo “teológico” e mesmo “teologal”, porque diz algo que se refere à própria natureza de Deus. Por conseguinte, anunciar que “Deus vem” equivale simplesmente a anunciar o próprio Deus, através de uma sua característica essencial e qualificadora: o seu ser o Deus-que-vem.⁵³

1.1 A Esperança de Israel

A esperança verdadeira e segura está fundamentada na fé em Deus que vem e que salva. Por conseguinte, o Advento é um tempo favorável para a redescoberta de uma esperança não vaga nem ilusória, mas certa e confiável, porque está fundada em Cristo, Deus feito Homem.

1.1.1 Emanuel: o Messias Esperado de Israel

A expectativa da vinda do “Emanuel”, que significa “Deus connosco”, referida no livro de Isaías, é testemunha de uma relação muito próxima entre o povo de Israel e o seu Deus, em quem depositava grande confiança. Isaías é o profeta que, durante os tempos difíceis do exílio do povo eleito, levava a consolação e a esperança. Na segunda parte do seu livro, dos capítulos 40-55 (segundo Isaías), anuncia a libertação, fala de um novo e glorioso êxodo e da criação de uma nova Jerusalém, reanimando assim os exilados.

Eram tempos de guerra. Acáz, rei de Judá, personagem não muito fiel à aliança de Deus, via como o seu reino era ameaçado pelos reinos vizinhos, e corria grave perigo de ocupação. O profeta Isaías quer fazer-lhe chegar da parte de Deus uma mensagem de

⁵³ Cfr. IDEM, *Homilia do Papa Bento XVI na celebração das primeiras vésperas do I Domingo do Advento*, 2 de dezembro de 2006, in http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20061202_i-vespri-avvento_po.html, consultado no dia 10.03.2012.

esperança e de confiança. E, apesar de Acáz não estar muito interessado em fiar-se de Deus, a palavra do profeta é-lhe dirigida igualmente: “Casa de David, o Senhor, por sua conta e risco, vos dará um sinal. Olhai: a jovem está grávida e vai dar à luz um filho, e há-de pôr-lhe o nome de Emanuel” (Is 7,14).

A jovem da qual Isaías falava era provavelmente a rainha de então; e o filho que havia de nascer era provavelmente Ezequias, que sucederia a Acáz. Neste filho, o povo podia ver como, apesar de todos os perigos, a dinastia de David continuava à frente do país e Deus não abandonava o seu compromisso com aquele povo que tinha escolhido. Por isso, o menino que a rainha daria à luz podia ser chamado com este título solene: “Deus conosco”. Porque Deus manifestava assim que continuava ao lado do seu povo.⁵⁴

Estas palavras do profeta foram apontando outro alcance, pois “esse Deus transcendente é um Deus que age na história a favor do seu povo escolhido. O próprio título exprime o mistério de um Deus todo-santo que, ainda assim, se inclina para o Homem fraco e pecaminoso.”⁵⁵ É assim que nasce o messianismo davídico na profecia de Isaías, que por exemplo o evangelho de Mateus vai usar como “citações de cumprimento” (Mt 1,23).

A profecia do Emanuel, na interpretação que Mt 1, 22-33 faz de Is 7, 10ss, por um lado é uma profecia de salvação e por outro é um sinal do nascimento virginal. Porém, temos que ter em conta que a afirmação de Mateus é uma confissão de fé e não uma afirmação exegetica.⁵⁶

Isaías é, sem dúvida, o grande profeta do Advento, tanto pelos seus anúncios do reino que há-de chegar, como pelas profecias relativas ao Messias e a sua Mãe. As principais passagens deste livro são proclamadas durante o tempo do Advento num anúncio perene de esperança para os homens de todos os tempos. Ele que no capítulo 7 do seu livro já anuncia a vinda do Senhor.

Ao anunciar que Deus vem salvar-nos, convida-nos à alegria com estas palavras: “Alegrem-se o deserto e o descampado, rejubile e floresça a terra árida, cubra-se de flores como o narciso, exulte com brados de alegria” (Is 35,1-2). E, um pouco mais adiante, afirma: Dizei aos corações perturbados: Tende coragem, não temais. Aí está o vosso Deus, que vem para fazer justiça e dar a recompensa” (Is 35,4). Profeta da alegria messiânica, do anúncio que nos traz consolação, paz e exultação.

“Do mesmo modo, a comunidade cristã se identifica com as promessas, as esperas, as admoestações e as renovadas esperanças proclamadas na mesma linha do profeta Isaías e dos

⁵⁴ Cfr. Josep LLIGADAS, *Natal - Deus conosco*, Paulinas, Apelação, 2003, 27.

⁵⁵ Wilfrid J. HARRINGTON, *Chave para a Bíblia - A revelação, a promessa, a realização*, Paulus, São Paulo, 1985⁴, 167.

⁵⁶ Cfr. José María ABREGO DE LACY, *Los libros proféticos*, Verbo Divino, Pamplona, 1993⁴, 118-121.

outros profetas ao longo de todo o período do Advento (na liturgia eucarística e na liturgia das horas) e também nos dias de Natal e da Epifania.”⁵⁷

1.1.2 Jesus, o Messias Prometido

As antigas ideias messiânicas baseavam-se na promessa de Natan feita a David sobre o presente e o futuro da sua dinastia (2Sm 7,12-16). O profeta promete a David e à sua dinastia que Deus nunca mais abandonará essa linha real; esta promessa veio a tornar-se em “messianismo davídico”.

A palavra “messias” significa “ungido”, que no grego se diz “christos” ou Cristo. Os reis eram os ungidos do Senhor, que deviam reger o seu povo segundo a vontade do mesmo Deus, com justiça e com verdade, defendendo sobretudo os mais pobres: peregrinos, órfãos e viúvas. Diante das crises políticas e sociais, os profetas e os salmistas vão repetindo que Deus manterá a sua palavra sobre este messias/ungido real da dinastia de David.⁵⁸

Os textos de Qumran⁵⁹ do século II e I a.C. “apresentam-nos a pessoa do Messias não numa maneira vaga e indefinida, mas com toda a precisão de Alguém que um dia virá, da parte de Deus, trazer a paz, a liberdade e a salvação”⁶⁰. A comunidade de Qumran era a “comunidade da aliança”, constituindo assim o verdadeiro Israel, ou seja, o “resto fiel” do povo eleito. Esta comunidade tem consciência de viver os últimos tempos, de tal forma que a sua estada em Qumran, no deserto, era apenas a preparação para esse fim eminente, para a chegada do Messias que era aguardado a todo o momento.⁶¹

No Antigo Testamento, é o Messias como o catalisador dos anseios e das expectativas do povo de Israel, durante todo o decorrer da sua história: toda a esperança de libertação e de

⁵⁷ Emanuel BARGELLINI e Gabriel FRADE, *À espera da sua vinda: uma leitura teológico-litúrgica do tempo de Advento-Natal-Epifania e sua ligação com a páscoa* in *Revista de Cultura Teológica* 74 (2011) 121.

⁵⁸ Cfr. Joaquim CARREIRA DAS NEVES, *Jesus Cristo - História e Mistério*, Editorial Franciscana, Braga, 2000, 17.

⁵⁹ A descoberta dos manuscritos de Qumran constituem, sem dúvida, o maior e mais importante achado no campo arqueológico e literário em relação ao conhecimento do mundo do período intertestamentário, do judaísmo e do contexto que está na origem do cristianismo. Tais descobertas iniciaram-se em 1949 e prolongaram-se durante vários anos, já que aos primeiros achados outros se seguiram, um pouco por todo o deserto da Judeia. Estes textos constituem um notável espólio ainda em processo de estudo. Curioso é que, parte deste achado, ficou a dever-se, no seu início, a um acontecimento fortuito e insignificante. Uma cabra, que fazia parte de um rebanho pertencente a uma árabe, de semibeduínos da zona de Belém, afastou-se dos outros animais e acabou por entrar numa gruta, de forma que foi necessário ir buscá-la. Foi então que dois dos pastores que guardavam o rebanho subiram à gruta e aí encontraram as jarras de barro onde estavam contidos alguns dos mais preciosos manuscritos, entre os quais, o “rolo de Isaías” e o “comentário de Habacuc”. Trata-se de alguns dos mais significativos e melhor conservados manuscritos que chegaram até nós e que constituem preciosos instrumentos para o estudo da vida da comunidade e para a crítica do texto bíblico. Cfr. João Duarte LOURENÇO, *O mundo judaico em que Jesus viveu - Cultura Judaica do Novo Testamento*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2005, 100-101.

⁶⁰ Joaquim CARREIRA DAS NEVES, *Jesus Cristo - História e Mistério*, op. cit., 23.

⁶¹ Cfr. João Duarte LOURENÇO, *O mundo judaico em que Jesus viveu*, op. cit., 105-107.

santificação se concentra nele. Mas é no Novo Testamento que tal função do Messias se concretiza como missão de salvação espiritual e universal. Encontrando-se um dia na sinagoga de Nazaré, Jesus leu uma página de Isaías: O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres... para dar a vista aos cegos..., e principiou a explicação com um significativo prelúdio: Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir (Cfr. Lc 4,16-21). E aos discípulos de João Baptista, que tinham vindo perguntar-lhe “És Tu aquele que há-de vir ou devemos esperar outro?”, Jesus respondeu apelando para os factos previstos e preditos que devia realizar o Messias: Ide contar a João o que vedes e ouvis: Os cegos vêm... os surdos ouvem... e a Boa Nova é anunciada aos pobres (Cfr. Mt 11,2-6).

Este ambiente de esperanças messiânicas, que, aqui e além, se confundem com as escatológicas e apocalípticas, desaguam na pessoa de Jesus e das comunidades cristãs primitivas e concentram as várias manifestações messiânicas antigas e recentes na única pessoa de Jesus e na comunidade messiânica e escatológica dos cristãos.⁶² Apesar disso, podemos dizer que o messianismo de Jesus contém em si, desde o começo, uma grande discreção de Deus. O poder de Deus é um poder discreto e sugestivo.⁶³

1.1.3 Advento, Tempo de Esperança

“O Advento é, por excelência, o tempo da esperança. Cada ano, esta atitude fundamental do espírito desperta no coração dos cristãos que, enquanto se preparam para celebrar a grande festa do nascimento de Cristo Salvador, reavivam a expectativa da sua vinda gloriosa no fim dos tempos. A primeira parte do Advento insiste precisamente sobre a *parusia*, sobre a última vinda do Senhor.”⁶⁴

É um tempo de esperança, de alegria e expectativa. A grande virtude deste tempo é a esperança. Quem deseja a chegada de alguém espera, ansiosamente, que venha, que chegue. E falar de esperança é também falar de vigilância, como o soldado que vigia, para ver se vê alguém chegar.

A esperança verdadeira e segura está fundamentada na fé em Deus Amor, Pai misericordioso, que “amou de tal modo o mundo, que lhe deu o seu único Filho” (Jo 3,16), a fim de que os homens e, juntamente com eles, todas as criaturas, possam ter vida em

⁶² Cfr. Joaquim CARREIRA DAS NEVES, *Jesus Cristo - História e Mistério*, op. cit., 25.

⁶³ Cfr. Arnaldo PINHO, *Jesus Cristo: Quem é*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2003, 83.

⁶⁴ BENTO XVI, *Homilia do Papa Bento XVI na celebração das primeiras vésperas do I Domingo do Advento*, 1 de dezembro de 2007, in http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20071201_vespri-avvento_po.html, consultado no dia 10.03.2012.

abundância (cf. Jo 10,10). Por conseguinte, o Advento é um tempo favorável para a redescoberta de uma esperança não vaga nem ilusória, mas certa e confiável, porque está “ancorada” em Cristo, Deus feito Homem, rochedo da nossa salvação.

Desde o início, como sobressai do Novo Testamento e é acentuadamente assinalado pelas Cartas dos Apóstolos, uma nova esperança distinguia os cristãos daqueles que viviam a religiosidade pagã. Escrevendo aos Efésios, São Paulo recorda-lhes que, antes de abraçar a fé em Cristo, eles viviam “sem esperança e sem Deus neste mundo” (Ef 2,12). Esta expressão parece mais atual do que nunca, por causa do paganismo dos nossos dias: podemos referi-la de modo particular ao niilismo contemporâneo, que corrói a esperança no coração do Homem, induzindo-o a pensar que dentro dele e ao seu redor reina o vazio: nada antes do nascimento, nada depois da morte. Na realidade, quando falta Deus, falta a esperança. Tudo perde a sua “consistência”.⁶⁵ A esta expectativa do Homem, Deus respondeu em Cristo com o dom da esperança.

1.2 Figuras do Advento

Para compreendermos o verdadeiro sentido do Advento é fundamental descobrir as principais figuras deste tempo de esperança na Encarnação de Jesus Cristo. Escolhi as três principais figuras que o nosso manual da disciplina de EMRC apresenta: a Virgem Maria, São José e João Batista.

1.2.1 A Virgem Maria

Encontramos no anúncio do Anjo Gabriel a Maria e na visita que esta faz a Isabel, sua prima, as primeiras manifestações de esperança no evangelho perante a vinda do Messias. “O Advento do Salvador criou uma atmosfera de alegria, e Lucas tem viva consciência disto. O anúncio do nascimento de João inclui promessa de alegria (Lc 1,14), promessa que é cumprida (Lc 1,58), e a criança ainda não nascida salta de alegria no ventre à presença da mãe do Messias (Lc 1,41.44).”⁶⁶

Lucas narra todo o “evangelho da infância” a partir da pessoa de Maria, porque a mãe de Jesus desempenha um papel capital na vinda ao mundo de Jesus. Centra toda a narrativa

⁶⁵ Cfr. *Ibidem*.

⁶⁶ Wilfrid J. HARRINGTON, *Chave para a Bíblia - A revelação, a promessa, a realização*, op. cit., 486.

em Maria, não apenas por ser a mãe biológica de Jesus, mas também por representar a nova Sião e a nova Jerusalém que dá à luz o seu Messias tão desejado e esperado.⁶⁷

As narrações da infância dos evangelhos de Mateus e de Lucas confirmam o mistério acerca de Jesus, quando narram o seu nascimento quase exclusivamente com palavras do Antigo Testamento, para mostrar que nesses acontecimentos se cumprem as esperanças de Israel, inseridos que eles estão no contexto total da história da aliança de Deus com a Humanidade. As palavras que o anjo usa em Lucas para se dirigir à Virgem são muito semelhantes às da saudação utilizada pelo profeta Sofonias quando se dirige à Jerusalém salva no fim dos tempos (Sf 3,14ss) e, ao mesmo tempo, retomam as saudações proferidas em louvor das grandes mulheres de Israel (Jz 5,24; Jdt 13,18ss). Maria é caracterizada, portanto, como o santo resto de Israel e a verdadeira Sião, para a qual se dirigiam as esperanças nos momentos mais difíceis da história. É com ela que começa, segundo o texto de Lucas, o novo Israel, ou melhor, não só este começa com ela, mas também ela é o novo Israel, em quem Deus estabelece um novo começo.⁶⁸

“É um facto que, ao aproximar-se definitivamente a ‘plenitude dos tempos’, isto é, o Advento salvífico do Emanuel, Aquela que desde a eternidade estava destinada a ser sua Mãe já existia sobre a terra. Esta sua ‘precedência’, em relação à vinda de Cristo, tem anualmente os seus reflexos na liturgia do Advento.”⁶⁹

João Paulo II sublinha o papel de Maria no mistério da Encarnação, o qual permite entender e esclarecer cada vez melhor o mistério da Mãe do Verbo Incarnado. Neste aprofundamento teve uma importância decisiva o Concílio de Éfeso (ano 431), durante o qual a verdade sobre a maternidade divina de Maria foi confirmada solenemente como verdade de fé da Igreja. Maria é a Mãe de Deus (Theotókos), uma vez que, por obra do Espírito Santo, concebeu no seu seio virginal e deu ao mundo Jesus Cristo, o Filho de Deus consubstancial ao Pai. O dogma da maternidade divina de Maria, por sua vez, foi para o Concílio de Éfeso e é para a Igreja como que uma chancela no dogma da Encarnação, em que o Verbo assume realmente, sem a anular, a natureza humana na unidade da sua Pessoa.⁷⁰ De facto, não se pode falar do mistério da Encarnação e da Redenção sem fazer referência a Maria - Mãe do Verbo Incarnado.

Afirma o Papa João Paulo II, na Carta Encíclica sobre o papel de Maria no mistério da Redenção, que Maria está profundamente impregnada do espírito dos “pobres de Javé” que, segundo a oração dos Salmos, esperavam de Deus a própria salvação, pondo nele toda a sua

⁶⁷ Cfr. Joaquim CARREIRA DAS NEVES, *Jesus Cristo - História e Mistério*, op. cit., 162.

⁶⁸ Cfr. Joseph RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, Principia, Cascais, 2005, 198.

⁶⁹ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Redemptoris Mater*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1987³, nº 3.

⁷⁰ Cfr. *Ibidem*, nº 4.

confiança (Sl 25; 31; 35; e 55). Ela, na verdade, proclama o Advento do mistério da salvação, a vinda do “Messias dos pobres” (cf. Is 11,4; 61,1).⁷¹

1.2.2 São José

José é uma figura central do Advento ao participar ativamente na preparação da vinda do Messias: é ele que dá o nome ao menino e é ele também que assume a responsabilidade da paternidade de Jesus. “O evangelista Mateus oferece o melhor destaque ao pai ‘legal’ de Jesus, ressaltando que, através dele, o Menino estava legalmente inserido na descendência davídica e assim realizava as Escrituras, em que o Messias era profetizado como ‘filho de David’.”⁷² Contudo, o papel de José não pode certamente reduzir-se a este aspeto legal. Ele é modelo do Homem “justo” (Mt 1,19), que em perfeita sintonia com a sua esposa acolhe o Filho de Deus que se fez Homem e vela sobre o seu crescimento humano. De facto, a palavra que melhor descreve José é “justo”. Da mesma forma que “cheia de graça” define Maria, “justo” define José. Quer dizer que é reto segundo Deus, porque participa da justiça que Deus lhe dá, ou seja, aceita a vontade de Deus. É o exemplo da confiança total em Deus.⁷³

Por isso, entra no mistério da Encarnação depois que um anjo do Senhor, aparecendo-lhe em sonho, lhe anuncia: “José, filho de David, não temas receber Maria, tua esposa, pois o que ela concebeu é obra do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e pôr-lhe-ás o nome de Jesus; porque ele salvará o povo dos seus pecados” (Mt 1,20-21). Tendo abandonado o pensamento de repudiar Maria em segredo, ele toma-a consigo, porque agora os seus olhos vêem nela a obra de Deus.⁷⁴ José coopera diretamente no mistério da Redenção através do exercício da sua paternidade.

“Um tal vínculo de caridade constituiu a vida da Sagrada Família; primeiro, na pobreza de Belém, depois, durante o exílio no Egito e, em seguida, quando ela morava em Nazaré. A Igreja rodeia de profunda veneração esta Família, apresentando-a como modelo para todas as famílias. A Família de Nazaré, diretamente inserida no mistério da Encarnação, constitui ela própria um mistério particular. E ao mesmo tempo - como na Encarnação - é a este mistério que pertence a verdadeira paternidade: a forma humana da família do Filho de Deus, verdadeira família humana, formada pelo mistério divino. Nela, José é o pai: a sua

⁷¹ Cfr. *Ibidem*, nº 37.

⁷² BENTO XVI, *Angelus*, 18 de dezembro de 2005, in http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/angelus/2005/documents/hf_ben-xvi_ang_20051218_po.html, consultado no dia 10.03.2012.

⁷³ Cfr. Josep Maria ROVIRA BELLOSO, *Jesús, el Mesías de Dios - Una teología para unir conocimiento, afecto y vida*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2005, 71-72.

⁷⁴ Cfr. BENTO XVI, *Angelus*, 19 de dezembro de 2010, in http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/angelus/2010/documents/hf_ben-xvi_ang_20101219_po.html, consultado no dia 10.03.2012.

paternidade, porém, não é só ‘aparente’, ou apenas ‘substitutiva’; mas *está dotada plenamente da autenticidade da paternidade humana*, da autenticidade da missão paterna na família. Nisto está contida uma consequência da união hipostática: humanidade assumida na unidade da Pessoa divina do Verbo-Filho, Jesus Cristo. Juntamente com a assunção da humanidade, em Cristo *foi também ‘assumido’ tudo aquilo que é humano e, em particular, a família*, primeira dimensão da sua existência na terra. Neste contexto foi ‘assumida’ também a paternidade humana de José.”⁷⁵

1.2.3 João Batista

João Batista é fundamental para compreendermos a pessoa de Jesus. Inicia um movimento de conversão para preparar o juízo eminente: “Apareceu João Batista no deserto pregando um batismo de conversão para o perdão dos pecados” (Mc 1,4). O rito da água, tal como o exerce, tem uma novidade: é a passagem do ritualismo moral à conversão do coração. O seu batismo é algo de novo, ligado ao perdão e à salvação de Deus.⁷⁶ Ele é o pregador da penitência que anuncia profeticamente o juízo eminente de Deus.⁷⁷ Deste modo, o próprio Jesus se uniu a este movimento de João e foi batizado por ele.

A entrada em cena de João Batista trazia consigo algo de verdadeiramente novo, pois o seu batismo deve trazer uma mudança tal que determine de modo novo e para sempre a vida inteira. Nos quatro evangelhos, a sua missão é descrita com uma citação do profeta Isaías: “Uma voz grita: Preparai no deserto um caminho para o Senhor, aplanai na estepe uma estrada para o nosso Deus” (Is 40,3). Com a pregação do Batista, estas palavras de esperança do Antigo Testamento tornaram-se realidade: algo de novo e de grande se anunciava.⁷⁸ Com a sua pregação, convidou o povo a converter-se para estar preparado para a iminente vinda do Messias.

O “mensageiro” que deveria aparecer, segundo as Escrituras hebraicas, antes do Messias era uma figura muito importante na apocalíptica judaica antes e depois do tempo de Jesus. Os evangelhos veem João Batista como esta figura, qual novo Elias, que prepara e dá lugar a Jesus como a figura escatológica esperada. João Batista e Jesus situam-se ambos, com

⁷⁵ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Redemptoris Custos*, Editotial Apostolado de Oração, Braga, 1989, nº 21.

⁷⁶ Cfr. Olegario GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Cristología*, Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), Madrid, 2001, 39-40.

⁷⁷ Cfr. Edward SCHILLEBEECKX, *Jesus - La historia de un viviente*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1983², 115.

⁷⁸ Cfr. Joseph RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2010, 42-43.

as suas diferenças, num movimento de inspiração messiânica e profética e de renovação da fé de Israel.⁷⁹

Os quatro evangelhos apresentam João Batista apenas como precursor e servo. E é também por causa disso que o quarto evangelho dá tanto realce à pessoa de João Batista ao longo dos primeiros três capítulos, descrevendo-o como “testemunho da Luz” e como “o mais pequeno frente Àquele que já existia antes dele”. É ele que anuncia Jesus como “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1,19), e os primeiros discípulos de Jesus são “arrancados” à pessoa de João.⁸⁰ Os evangelhos de Mateus e de Lucas apresentam-no como o profeta austero do deserto, que pregava uma doutrina apocalítica, na esperança de que o Messias viria trazer um evangelho de mudança social, política e religiosa. Porém, Jesus não atuou assim, razão pela qual João Batista pediu aos seus discípulos questioná-lo sobre o seu messianismo: “És Tu aquele que há-de vir, ou devemos esperar outro?” (Mt 11,3).

João Batista anuncia e prepara a comunhão de Deus com a humanidade. Esta comunhão está centrada na pessoa de Jesus, Messias e palavra de Deus feita carne. Na Encarnação, a palavra eterna de Deus fez-se visível na “carne” de Jesus de Nazaré.⁸¹

⁷⁹ Cfr. Adolphe GESCHÉ, *Jesucristo - Dios para pensar VI*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2002, 64-65.

⁸⁰ Cfr. Joaquim CARREIRA DAS NEVES, *Jesus Cristo - História e Mistério*, op. cit., 167-168.

⁸¹ Cfr. Josep Maria ROVIRA BELLOSO, *Jesús, el Mesías de Dios - Una teología para unir conocimiento, afecto y vida*, op. cit., 49.

CAPÍTULO II - NATAL: JESUS, A ESPERANÇA ENCARNADA

Neste capítulo apresento a origem e o significado do Natal, o Presépio como a sua principal representação e a Esperança Encarnada em Jesus Cristo. A seleção destes três títulos que formam este capítulo teve como fundamento a preferência pelos conteúdos mais importantes para a UL “Advento e Natal”.

O Natal é um dos momentos mais importantes para a vida de um cristão, vendo-se envolvido por um ambiente celebrativo diferente de qualquer época do ano. É toda a envolvimento celebrativa a face mais visível do Natal, que o torna ao mesmo tempo num acontecimento tão mediático e comum (banal) na vida das pessoas.

Procuró, com este capítulo, fundamentar e (re)descobrir a celebração cristã do Natal.

1 - Natal: origem e significado

O Natal é um dos tempos fortes do ano litúrgico, que saiu da última reforma conciliar. Antecedido de um período de preparação de quatro semanas - o Advento - este tempo Natalício centra-se em duas grandes solenidades. A primeira, o Natal do Senhor, é celebrada a 25 de dezembro; a segunda, a Epifania do Senhor, ocorre no dia 6 de janeiro ou no domingo entre o dia 2 e 8 de janeiro.

O Natal e a Epifania, enquanto mistério da manifestação do Senhor na sua Encarnação e nascimento (ocidente) e no batismo no Jordão (oriente), são fruto da influência recíproca das tradições oriental e ocidental, que apesar da sua influência mútua, não se fundiram mas continuaram a ter os seus dias próprios da celebração com características peculiares.

O primeiro testemunho da festa do Natal data de 354 no cronógrafo, calendário romano redigido por Fúrio Dionísio Filócalo em que se encontram muitos dados de ordem civil. A festa do Natal é, portanto, festa originalmente romana que depois se estendeu pelo oriente. Foi sendo introduzida progressivamente nas Igrejas do oriente (375 em Antioquia, 380 em Constantinopla, 430 em Alexandria), que mesmo assim, mantiveram as suas especificidades na celebração do Natal e da Epifania. Assim, as duas festas vão-se implantando no oriente e no ocidente; em pleno séc. IV já estavam estabelecidas e celebram-se nas suas datas originais, 25 de dezembro e 6 de janeiro.⁸²

“O ciclo de Natal-Epifania é o ciclo da manifestação do Senhor, manifestação esplendorosa porque é a luz de Deus que ilumina e fez brilhar o mundo. É essa a ideia

⁸² Cfr. AA.VV., *A celebração na Igreja III – ritmos e tempos da celebração*, op. cit., 163-164.

fundamental desse período do ano litúrgico que origina-se da cristianização de festas pagãs.”⁸³ As duas solenidades procuram celebrar o acontecimento salvífico da Encarnação do Verbo divino, “cristianizando” celebrações pagãs existentes no império romano em torno do culto do imperador e as festividades do solstício de inverno. O culto do imperador e o culto solar andavam associados. O imperador era a divindade associada ao sol e a festa do solstício, o “nascimento do sol”, era a festa dedicada à invencibilidade do imperador. A celebração do nascimento do sol “invictus” passa a identificar-se com a celebração do nascimento do próprio Jesus Cristo, Deus feito Homem que vem trazer a luz divina à humanidade.⁸⁴ Ambas as festas têm origem na cristianização de festas pagãs da luz. O início da luz verdadeira é a manifestação de Jesus Cristo na visibilidade da nossa carne.

Com a liturgia Natalícia, a Igreja introduz-nos no grande Mistério da Encarnação. Com efeito, o Natal não é um simples aniversário do nascimento de Jesus; é também isto, mas é mais, é celebração de um Mistério que marcou e continua a marcar a história do Homem - o próprio Deus veio habitar no meio de nós (cf. Jo 1,14), fez-se um de nós; um Mistério que diz respeito à nossa fé e à nossa existência. Por isso, nas festas do Natal e da Epifania celebramos a nossa redenção que se cumprirá na páscoa, pois tudo se torna possível a partir da Encarnação. “O que dissemos leva-nos não a contemplar o aniversário de Jesus em primeiro lugar, mas a celebrar o mistério da sua manifestação ao mundo para salvar os homens na humildade da nossa carne, carne que ele assumiu no seio de Maria Virgem por obra do Espírito Santo, e que por meio do nascimento na nossa natureza mortal revelou-se ao mundo como o seu único redentor verdadeiro.”⁸⁵

De facto, o nascimento de Jesus deve ser considerado à luz do Mistério pascal: ambos fazem parte da única obra redentora de Cristo. A Encarnação e o nascimento de Jesus já nos convidam a dirigir o olhar para a sua morte e ressurreição: Natal e Páscoa são ambas festas da redenção. A Páscoa celebra-a como vitória sobre o pecado e a morte: determina o momento final, quando a glória do Homem-Deus resplandece como a luz do dia; o Natal celebra-a como o entrar de Deus na história, fazendo-se Homem para levar o Homem a Deus: marca, por assim dizer, o momento inicial, quando se entrevê o clarão da alvorada. Mas precisamente como a aurora precede e já faz pressentir a luz do dia, assim o Natal já anuncia a Cruz e a glória da Ressurreição. Também os dois períodos do ano, em que estão inseridas estas duas grandes festas, pelo menos em certas regiões do mundo, podem ajudar a compreender este aspeto. Com efeito, enquanto a Páscoa se celebra no início da Primavera, quando o sol vence

⁸³ *Ibidem*, 174.

⁸⁴ Cfr. Daniel BOURGEOIS, *Os Magos a caminho de Caná* in “Communio” 23 (2006) 178.

⁸⁵ AA.VV., *A celebração na Igreja III - ritmos e tempos da celebração*, op. cit., 174.

os nevoeiros densos e frios, e renova a face da terra, o Natal celebra-se precisamente no início do Inverno, quando a luz e o calor do sol não conseguem despertar a natureza, envolvida pelo frio, sob cujo manto, contudo, palpita a vida e recomeça a vitória do sol e do calor.⁸⁶

2 - O Presépio: principal representação do Natal

A palavra presépio vem do hebraico e significa manjedoura, isto é, o local onde, segundo os evangelhos, Jesus nasceu. Contudo, esta também é a designação dada à representação artística do nascimento do menino Jesus num estábulo, acompanhado pela Virgem Maria, S. José e uma vaca e um jumento, por vezes acrescenta-se outras figuras como pastores, ovelhas, anjos, os Reis Magos, entre outros. “E teve o seu filho primogénito, que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria” (Lc 2,7). Foi neste ambiente onde nasceu o “Rei de Israel”, simples e humilde.⁸⁷

Os presépios são expostos não só em igrejas mas também em casas particulares e até mesmo em muitos locais públicos. Os primeiros presépios surgiram em Itália, no século XVI, o seu surgimento foi motivado por dois tipos de representações da Natividade (do nascimento de Cristo): a plástica e a teatral. A primeira, a representação plástica, situa-se no final do século IV, que surgiu com Santa Helena, mãe do Imperador Constantino; da segunda, a teatral, os registos mais antigos que se tem conhecimento são século XIII, com Francisco de Assis, este último, na mesma representação, também contribui para a representação plástica, já que fez uma mistura de personagens reais e de imagens. Embora seja indubitável a importância destas representações da Natividade para o aparecimento dos presépios, elas não constituem verdadeiros presépios.

O nascimento de Jesus começou a ser celebrado desde o século III, data das primeiras peregrinações a Belém, para se visitar o local onde Jesus nasceu. Desde o século IV, começaram a surgir representações do nascimento de Jesus em pinturas, relevos ou frescos. Passados nove séculos, no século XIII, mais precisamente no ano de 1223, S. Francisco de Assis decidiu celebrar a missa da véspera de Natal com os cidadãos de Assis de forma diferente. Assim, esta missa, em vez de ser celebrada no interior de uma igreja, foi celebrada numa gruta, que se situava na floresta de Greccio, que se situava perto da cidade. S. Francisco transportou para essa gruta um boi e um burro reais e feno, para além disto também colocou na gruta as imagens do Menino Jesus, da Virgem Maria e de S. José. Com isto, o Santo

⁸⁶ Cfr. BENTO XVI, *Audiência Geral*, 21 de dezembro de 2011, in http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20111221_po.html, consultado no dia 10.03.2012.

⁸⁷ Cfr. Silva ARAÚJO, *Viver o Natal*, Edições A.I., Porto, 1984, 327.

pretendeu tornar mais acessível e clara, para os cidadãos de Assis, a celebração do Natal, só assim as pessoas puderam visualizar o que verdadeiramente se passou em Belém durante o nascimento de Jesus.⁸⁸ Este acontecimento faz com que muitas vezes S. Francisco seja visto como o criador dos presépios, contudo, a verdade é que os presépios tal como os conhecemos hoje só surgiram mais tarde, três séculos depois. Embora não considerado o criador dos presépios (depende do ponto de vista), é indiscutível que o seu contributo foi importantíssimo para o crescimento do gosto pelas recriações da Natividade e, conseqüentemente, para o aparecimento dos presépios.

A criação do cenário que hoje é conhecido como presépio, provavelmente, deu-se já no século XVI. No século XVIII, a recriação da cena do nascimento de Jesus estava completamente inserida nas tradições de Nápoles e da Península Ibérica (incluindo Portugal). De entre os presépios mais conhecidos, é de salientar os presépios napolitanos, estes surgiram no século XVIII, nestes podiam observar-se várias cenas do quotidiano, mas o mais importante era a qualidade extraordinária das suas figuras.

Os presépios em Portugal tiveram início no século XV, quando o rei D. João II solicitou ao italiano Lorenzo de Médicis que enviasse para o reino o arquiteto e escultor Contucci Sansovino a fim de trabalhar na construção de presépios. Este contratou os melhores artesãos portugueses e desenvolveu a arte dos presépios.

Em Portugal, os presépios tornaram-se o símbolo mais importante do Natal e passaram a ser incluídos em quase todos os lares, constituindo um importante marco na cultura artística portuguesa.⁸⁹

O presépio, como imagem da Encarnação do Verbo, à luz da narração evangélica, já alude à Páscoa, e é interessante ver como em alguns ícones da Natividade, na tradição oriental, o Menino Jesus é representado envolto em faixas e colocado numa manjedoura que tem a forma de um sepulcro; uma alusão ao momento em que Ele será deposto da cruz, envolvido num lençol e depositado num sepulcro escavado na rocha (cf. Lc 2,7; e 23,53). Encarnação e Páscoa não se encontram uma ao lado da outra, mas constituem os dois pontos-chave inseparáveis da única fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus Encarnado e Redentor. Cruz e Ressurreição pressupõem a Encarnação. Só porque verdadeiramente o Filho, e nele o próprio Deus, “desceu” e “se fez carne”, a morte e a ressurreição de Jesus constituem acontecimentos que nos são contemporâneos e nos dizem respeito, nos arrebatam da morte e

⁸⁸ Cfr. Inácio de LARRAÑAGA, *O irmão de Assis*, Edições Paulinas, Sacavém, 1980, 301-320.

⁸⁹ Cfr. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Nós e o Mundo 6º Ano Educação Moral e Religiosa Católica - Manual do Professor*, Ed. SNEC, Lisboa, 2011, 82.

nos abrem para um futuro em que esta “carne”, a existência terrena e transitória, entrará na eternidade de Deus.⁹⁰

3 - A Esperança Encarnada em Jesus Cristo

Deus deu-se a conhecer verdadeiramente em Jesus Cristo (Cfr. Jo 17,6). Quando Jesus, na oração sacerdotal do evangelho de S. João, se refere a dar a “conhecer o nome de Deus” quer dizer a presença de Deus entre os homens. Em Jesus, Deus entra totalmente no mundo dos homens: quem vê Jesus vê o Pai (cfr. Jo 14, 9). “Se podemos dizer que, no Antigo Testamento, a imanência de Deus se dava na dimensão da palavra e na observância litúrgica, agora esta imanência tornou-se ontológica: em Jesus, Deus fez-se Homem. Deus entrou no nosso próprio ser. N’Ele, Deus é verdadeiramente o ‘Deus conosco’.”⁹¹

Podemos afirmar que a carne constitui a diferença radical entre o ser humano e Deus, entre o Filho e o Pai; mas, por outro lado, é na carne concreta que se dá, sem anular a diferença, a identidade entre ele e Deus, entre o ser humano e o seu criador. “De facto, encarnação de modo algum significa anulação da transcendência de Deus, transformando-o em produto nosso, mas constitui a sua manifestação ou mesmo realização concreta.”⁹² A questão de sabermos se Jesus encarnou verdadeiramente num corpo é crucial para a fé cristã.⁹³

O texto do prólogo de S. João (Jo 1,1-18) propõe-nos uma mudança na nossa forma de compreender Deus. Porque de facto, se nos pomos a pensar, imaginamos um Deus com todos os atributos de grandeza, de onipotência e força; e, portanto, imaginamos que a sua glória será uma manifestação desta mesma grandeza, onipotência e força. Pelo contrário, João diz-nos que o lugar onde podemos contemplar esta glória de Deus é na Encarnação de Jesus, o Verbo de Deus. O que mais manifesta a glória de Deus não é o seu poder, mas o seu amor. Por isso, é no rosto de Jesus que podemos ver este amor pleno que é Deus. “A Deus, nunca ninguém o viu”, conclui S. João. Quem quiser ver Deus, que olhe para Jesus.

A festividade do Natal fascina, tanto hoje como outrora, mais do que as outras grandes festas da Igreja; fascina porque todos, de certo modo, intuem que o nascimento de Jesus tem a ver com as aspirações e as esperanças mais profundas do Homem.

O consumismo pode distrair desta saudade interior, mas se no coração existe o desejo de receber aquele Menino que traz a novidade de Deus, que veio para nos oferecer a vida em

⁹⁰ Cfr. BENTO XVI, *Audiência Geral*, 5 de janeiro de 2011, in http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110105_po.html, consultado no dia 10.03.2012.

⁹¹ Joseph RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, op. cit., 83.

⁹² João DUQUE, *O Excesso do Dom*, Alcalá, Lisboa, 2004, 174.

⁹³ Cfr. Arnaldo PINHO, *Jesus Cristo: Quem é*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2003, 110.

plenitude, as “luzes dos adornos natalícios” podem tornar-se sobretudo um reflexo da Luz que se acendeu mediante a Encarnação de Deus.

Os símbolos das celebrações Natalícias conferem à liturgia do Tempo de Natal um profundo sentido de “Epifania” de Deus no seu Cristo-Verbo encarnado, ou seja, de “manifestação” que possui também um significado escatológico, isto é, orienta para os últimos tempos. Já no Advento, as duas vindas, a histórica e a do fim da história, estavam diretamente vinculadas entre si; mas é em particular na Epifania e no Batismo de Jesus que a manifestação messiânica se celebra na perspectiva das expectativas escatológicas: a consagração messiânica de Jesus, Verbo encarnado, mediante a efusão do Espírito Santo de forma visível, completa o tempo das promessas e assim inaugura os últimos tempos.

É necessário resgatar este Tempo Natalício de um revestimento demasiado moralista e sentimental. A celebração do Natal não nos propõe apenas alguns exemplos a imitar, como a humildade e a pobreza do Senhor, a sua benevolência e o seu amor pelos homens; mas é sobretudo um convite a deixar-se transformar totalmente por Aquele que entrou na nossa carne.⁹⁴

Após este capítulo que conclui a fundamentação teórica da UL “Advento e Natal”, segue-se o terceiro e último capítulo, ao longo do qual apresento o conteúdo pedagógico e didático desenvolvido para a lecionação desta mesma UL. Será composto por um primeiro ponto dedicado à caracterização da turma. Seguem-se as planificações das aulas, as suas explanações e avaliações finais.

⁹⁴ Cfr. BENTO XVI, *Audiência Geral*, 5 de janeiro de 2011, in http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110105_po.html, consultado no dia 10.03.2012.

CAPÍTULO III – PEDAGOGIA, DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

Depois de no capítulo anterior ter feito uma fundamentação científica da UL “Advento e Natal” do programa de EMRC do 6º ano de escolaridade, irei agora apresentar neste terceiro capítulo uma possível planificação dessa mesma UL.

Num primeiro ponto será feita uma descrição da UL, onde abordo as razões que levaram à opção de incidir o estudo sobre o tema concreto “Advento e Natal”. No segundo ponto deste capítulo apresento as grelhas de planificação que serviram de base à lecionação da UL. Este ponto também servirá para uma avaliação do trabalho desenvolvido.

1 - Apresentação descritiva da unidade

A UL “Advento e Natal” é o segundo tema do programa de EMRC do 6º ano de escolaridade. A decisão de trabalhar este tema, numa tentativa de fundamentação científica e da realização de uma possível planificação para lecionar no 6º ano, deveu-se ao interesse pessoal por esta temática. Por se tratar de conteúdos fundamentais para a vivência cristã, apesar de uma certa desvirtuação do Natal na sua celebração no meio da sociedade atual.

De facto, o Natal enquanto festa religiosa na sua essência, para além de se estar a tornar num acontecimento meramente imanente, está a ser desvirtuado por uma aparente proibição da manifestação da transcendência que está na sua origem.

Contudo, a celebração do Natal apesar de toda a dimensão consumista que assumiu, enquanto momento festivo, mantém uma “dimensão antropoteológica no sentido que faz nascer às raízes de vínculos com Deus e transmite o tesouro da história destes vínculos sob a forma de testamento patrimonial”⁹⁵. Os valores essenciais do Natal podem continuar a ser celebrados no âmbito da alegria familiar.

A importância desta UL está no lugar da disciplina de EMRC na valorização do verdadeiro sentido do Natal enquanto uma das principais celebrações cristãs. Apresento, de seguida, as competências específicas para a lecionação da UL “Advento e Natal”:

Competências específicas para a UL 2 do 6º ano – Advento e Natal
6. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos.
9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética

⁹⁵ José da SILVA LIMA, “Deus, não tenho nada contra...” - *Socialidades e Eclesialidade no destino do Alto-Minho*, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 1994, 306.

humanista e cristão.
24. Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas da vida quotidiana.
25. Interpretar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.
26. Apreciar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.

Após apresentar as competências essenciais a atingir, e antes de proceder à descrição da planificação, irei fazer uma breve caracterização da turma, de modo a conhecer melhor a os alunos aos quais lecionei esta mesma UL durante o ano de estágio. Este conhecimento é fundamental para o sucesso da aprendizagem, uma vez que as planificações terão mais sucesso quanto mais forem adaptadas à realidade da turma. A turma escolhida para lecionar a UL 2 “Advento e Natal” foi o 6º 3 da escola EB 2,3 Dr. Francisco Sanches.

1.1 Caracterização da turma

A informação para a caracterização socioeconómica, cultural e afetiva da turma foi obtida com base nos dados recolhidos através de: fichas sócio - biográficas; diálogos com os encarregados de educação; consulta dos processos individuais dos alunos no ano anterior.

A turma três do sexto ano de escolaridade é constituída por vinte e oito alunos, catorze rapazes e catorze meninas, com idades compreendidas entre os dez e os onze anos.

Os alunos vieram na sua totalidade da turma 3 do 5º ano.

A nacionalidade da totalidade dos alunos é portuguesa.

Todos os alunos tiveram um percurso escolar sem retenções desde o primeiro ciclo.

As habilitações académicas dos encarregados de educação são diversificadas, assim como a sua atividade profissional, como se pode comprovar no Projeto Curricular de Turma (PCT) na posse da diretora de turma.

Os alunos vivem maioritariamente com os pais e irmãos e a média por agregado familiar é de quatro pessoas. Maioritariamente, são as mães as encarregadas de educação, com exceção dos alunos número seis, Beatriz Silva, número sete, Beatriz Santos, número oito, César Diogo, número treze, Érica Sofia, número dezanove, João Manuel, número vinte, José Miguel que têm como encarregado de educação o pai e a aluna número vinte e dois, Laureana Garcia, cujo encarregado de educação é o avô.

Os alunos da turma referem que se sentem muito felizes na escola e gostam muito dos professores e das dinâmicas das aulas. De um modo geral, os alunos são participativos, envolvem-se na dinâmica da turma, uma parte dos alunos demonstra capacidades de aquisição e aplicação de conhecimentos. Existem, contudo, alguns alunos que, pelo diagnóstico traçado

e pelo comportamento e participação em sala de aula, consideramos serem sujeitos a uma atenção redobrada e a um trabalho mais individualizado.

No presente ano letivo, os alunos na sua generalidade, estão mais conversadores e alguns revelam dificuldades de concentração e atenção nas aulas. Os professores estão a usar estratégias para superar esta dificuldade que poderá refletir-se no aproveitamento dos alunos.

O nível sócio - económico da turma é médio. Nove alunos da turma beneficiam de Ação Social Escolar, um, com escalão A e sete com escalão B.

Vinte e três alunos frequentam a disciplina de EMRC.

2 - Planificações da unidade letiva

Dos conteúdos propostos no programa da disciplina de EMRC foram selecionados aqueles que mais se adaptavam à realidade da turma. Ao elaborar as planificações tive em consideração, não só as indicações recebidas, mas também as características socioculturais da turma, o aproveitamento escolar e o interesse demonstrado pelos alunos na disciplina.

2.1 Descrição das planificações

Depois desta breve introdução iremos passar à explanação das planificações feitas para cada aula a lecionar à turma. Estas aulas serão às quintas-feiras, no horário das 10:10h até às 10:55h, e decorrerão durante os meses de novembro e dezembro de 2011 e janeiro de 2012.

Na 1ª aula⁹⁶ vamos trabalhar as seguintes competências específicas: Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos; Organizar um universo coerente de valores a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã; Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana; Interpretar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local; Apreciar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.

A aula inicia com a saudação e o acolhimento dos alunos, que dizem cada um o seu nome porque é a primeira aula que leciono depois de uma breve apresentação à turma. Apresento, depois, aos alunos a nova UL e os sumários das 5 aulas que a mesma contém. E, neste momento, convido um aluno a escrever o sumário no quadro: Advento, tempo de esperança.

⁹⁶ Ver a planificação da aula apresentada, sob a forma de esquema, na página 51.

De seguida, peço aos alunos, através de uma dinâmica da “chuva de ideias”, que digam palavras relacionadas com o que entendem por Advento. Conforme dizem, escrevo no quadro e vou explorando o sentido de cada palavra. Concluo a “chuva de ideias” com a apresentação em PowerPoint⁹⁷ da etimologia da palavra “Advento” e o seu significado.

Peço, depois, que abram o manual do 6º ano de EMRC e pergunto quem está disponível para ler um texto onde se apresenta a esperança e expectativa do povo de Israel na vinda do Emanuel e de um Messias, anunciado pelo profeta Isaías. Através da leitura do texto bíblico de Isaías “Príncipe da Paz”, concluímos a ideia da espera e expectativa do povo enquanto significado mais profundo do Advento.

Seguindo o PowerPoint⁹⁸, apresento o Advento como tempo de esperança na liturgia cristã com uma visão mais alargada na totalidade do ano litúrgico.

No final da exposição que faço sobre o Advento com a interação dos alunos, realizam a ficha 17 do caderno do aluno, para avaliar os conteúdos adquiridos. Termina a aula com a correção da ficha através da participação dos alunos.

Convido ainda os alunos a participarem em alguma campanha solidária durante esta UL, exemplificando com a atividade da Cáritas “dez milhões de estrelas” promovida pela disciplina na escola. Terminei a aula despedindo-me dos alunos.

Nesta aula serão usados os seguintes materiais: Quadro e marcador; Texto de Is 9, 2-6; PowerPoint sobre o Advento; Videoprojetor; Computador; Cópias da ficha 17 do caderno do aluno.

Na 2ª aula⁹⁹ as competências específicas serão: Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos; Organizar um universo coerente de valores a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã; Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana; Interpretar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local; Apreciar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.

A aula inicia com a saudação e o acolhimento dos alunos. Depois, convido um aluno a escrever o sumário no quadro enquanto todos registam no caderno diário: Figuras do Advento.

De seguida, após um resumo dos conteúdos da aula anterior, peço aos alunos que observem a pintura *A Visitação* de Paolo Schiavo projetada em powerpoint¹⁰⁰ e faremos a

⁹⁷ Cfr. anexos.

⁹⁸ Cfr. anexos.

⁹⁹ Ver a planificação da aula apresentada, sob a forma de esquema, na página 54.

¹⁰⁰ Cfr. anexos.

análise das personagens e o contexto da visitação de Maria a Santa Isabel. Valorizo as palavras do Arcanjo a Maria e de Santa Isabel a Maria, através da leitura do manual do aluno, que formam a primeira parte da Ave-Maria. Observaremos ainda outras imagens de Maria, como a Nossa Senhora do Ó, a Imaculada Conceição, Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora do Sameiro.

Peço, depois, que abram novamente o manual do 6º ano de EMRC e pergunto quem está disponível para ler um texto onde apresenta os três dogmas associados a Maria: Maria, a Mãe de Deus, a Imaculada Conceição e a Assunção de Maria. Apresento Maria como a figura central do Advento.

Seguindo o PowerPoint, apresento ainda mais duas figuras do Advento: São José e João Batista.

No final da exposição sobre as figuras do Advento, proponho a realização das fichas de trabalho 18 e 19 e no final faço a correção com os alunos. Termina a aula despedindo-me dos alunos.

Nesta aula serão usados os seguintes materiais: Quadro e marcador; Projeção da pintura *A Visitação*; Manual do aluno; Videoprojetor; Computador; Cópias das fichas 18 e 19 do caderno do aluno.

Na 3ª aula¹⁰¹ as competências específicas serão: Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos; Organizar um universo coerente de valores a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã; Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana; Interpretar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local; Apreciar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.

Começo a aula com a saudação e o acolhimento dos alunos, que dialogam um pouco comigo sobre o dia deles. Depois, um aluno escreve o sumário desta aula no quadro e todos registam no caderno pessoal: O Natal: representação artística e tradições.

De seguida, após um resumo dos conteúdos da aula anterior, interrogo os alunos sobre o que é o presépio e quem costuma fazer o presépio em casa. Dialogo com os alunos sobre experiências pessoais, servindo para introduzir o tema do Natal.

Depois, peço a um aluno para ler a partir do manual do 6º ano de EMRC o texto “Um conto de Natal” de José António Rocha. No final da leitura, faço uma breve interpretação do texto com os alunos, aludindo ao espírito natalício.

¹⁰¹ Ver a planificação da aula apresentada, sob a forma de esquema, na página 57.

Através da projeção de um PowerPoint¹⁰², faço a apresentação da origem do presépio a partir da encenação de S. Francisco de Assis. Continuo a exposição do PowerPoint sobre a origem e significado de algumas tradições do Natal como a missa do galo, as músicas tradicionais de Natal, as luzes de Natal, a árvore de Natal, o azevinho, os sapatos na chaminé, os magos e os presentes de Natal.

No final da exposição que faço sobre algumas tradições de Natal, os alunos realizam a ficha 21 do caderno do aluno, que serve como síntese da aula lecionada. Termina a aula despedindo-me dos alunos.

Nesta aula serão usados os seguintes materiais: Quadro e marcador; Texto de Um conto de Natal; PowerPoint sobre a origem do presépio e de algumas tradições do Natal; Manual do aluno; Videoprojetor; Computador; Cópias da ficha 21 do caderno do aluno.

Na 4ª aula¹⁰³ as competências específicas serão: Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos; Organizar um universo coerente de valores a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã; Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana; Interpretar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local; Apreciar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.

Começo a aula com a saudação e o acolhimento dos alunos, enquanto ocupam os seus lugares e preparam o material necessário para usar na aula. Depois, um aluno escreve o sumário desta aula no quadro e todos registam no caderno pessoal: Jesus, um marco na história.

De seguida, retomando os conteúdos da aula anterior, interrogo os alunos sobre se deslocarem para celebrar o Natal. De acordo com as respostas dos alunos, valorizar aqueles que se deslocam por causa da família, por serem as terras de origem dos pais.

Depois, utilizando a projeção de um PowerPoint¹⁰⁴, apresento a terra onde Jesus nasceu e qual a razão que levou Maria e José a se deslocarem a Belém, a terra de origem de José, onde haveria de nascer Jesus. A partir do texto do Evangelho de Lucas sobre o nascimento de Jesus (que peço a um aluno para ler) e de alguns dados históricos sobre o recenseamento ordenado pelo imperador de Roma (a partir do PowerPoint e da leitura do manual do aluno), procuro que os alunos apreendam a razão de Belém ter sido a terra do nascimento de Jesus, apesar de Maria e José viverem em Nazaré.

¹⁰² Cfr. anexos.

¹⁰³ Ver a planificação da aula apresentada, sob a forma de esquema, na página 60.

¹⁰⁴ Cfr. anexos.

Através da projeção de um PowerPoint¹⁰⁵, apresento a importância do nascimento de Jesus para a história da humanidade, de tal forma que o calendário mais usado no mundo tem este acontecimento como ponto de referência. A partir da leitura do texto do manual do aluno “ O Ano Um”, os alunos ficaram a saber do erro de Dionísio ao situar o nascimento de Jesus quatro anos depois da morte de Herodes, contrariamente ao texto dos Evangelhos. Também, apresento a razão de o Natal se celebrar no dia 25 de dezembro.

No final, os alunos realizam a ficha 23 do caderno do aluno e faz-se a sua correção, que serve como síntese da aula lecionada. Termina a aula despedindo-me dos alunos.

Nesta aula serão usados os seguintes materiais: Quadro e marcador; Texto de Um conto de Natal; PowerPoint sobre o nascimento de Jesus; Manual do aluno; Videoprojetor; Computador; Cópias da ficha 23 do caderno do aluno.

Na 5ª aula¹⁰⁶ as competências específicas serão: Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos; Organizar um universo coerente de valores a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã; Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana; Interpretar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local; Apreciar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.

Começo a aula com a saudação e o acolhimento dos alunos, que ocupam os seus lugares e preparam o material necessário para usar na aula. Depois, um aluno escreve o sumário desta aula no quadro e todos registam no caderno pessoal: Construir uma sociedade mais justa.

De seguida, apresento algumas imagens¹⁰⁷ através do videoprojetor que retratam situações de pobreza infantil para provocar a reflexão sobre a pobreza e a injustiça que ainda existem apesar da celebração do Natal; estas imagens sugerem algumas intervenções sobre a questão do Natal e preocupação das pessoas pelos mais pobres e necessitados da sociedade.

Três alunos leem em forma de diálogo o texto do manual “A pequena vendedora de fósforos” e depois faz-se um breve diálogo sobre os seus ensinamentos.

Faço ainda a apresentação da Cáritas Portuguesa como modelo da caridade que a celebração do Natal deve promover, através de uma apresentação em PowerPoint¹⁰⁸ e de um breve vídeo promocional da campanha “10 milhões de estrelas” da Cáritas com o jogador Nuno Gomes do S. C. de Braga. Os alunos partilham algumas experiências de solidariedade que já tinham participado.

¹⁰⁵ Cfr. anexos.

¹⁰⁶ Ver a planificação da aula apresentada, sob a forma de esquema, na página 63.

¹⁰⁷ Cfr. anexos.

¹⁰⁸ Cfr. anexos.

Também farei referência à sensibilidade por estas iniciativas, como são exemplo o Banco Alimentar contra a fome e outras campanhas conhecidas dos alunos e que valorizam o voluntariado e a partilha.

No final, os alunos realizam a ficha 24 do caderno do aluno e faz-se a sua correção em forma de síntese da aula lecionada. Termina a aula despedindo-me dos alunos.

Nesta aula serão usados os seguintes materiais: Quadro e marcador; PowerPoint e vídeo promocional sobre a Cáritas Portuguesa; Manual do aluno; Videoprojetor; Computador; Cópias da ficha 24 do caderno do aluno.

2.2 Explicação das planificações

De seguida serão apresentados os esquemas com as planificações da UL “Advento e Natal”. Foram lecionadas cinco aulas que decorreram ao longo dos meses de novembro e dezembro de 2011 e janeiro de 2012. Junto com a planificação de cada aula será feita a avaliação da forma como esta decorreu e uma reflexão sobre aspetos a melhorar.

- *Aula nº 1 – Advento, tempo de esperança*

O sumário desta aula é formado nos seguintes parâmetros: *Advento, tempo de esperança*.

Competências específicas: 6. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos; 9. Organizar um universo coerente de valores a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã; 24. Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana; 25. Interpretar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local; 26. Apreciar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.

Operacionalização das competências	Conteúdos	Atividade/Estratégias	Material	T/Min	Avaliação formativa
- Interpretar produções culturais que aludem ao valor da esperança; - Interpretar textos bíblicos sobre a esperança messiânica de Israel, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana.	<ul style="list-style-type: none"> • O Advento: tempo de esperança; 	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento; • Registo do Sumário; • Introdução à unidade: chuva de ideias sobre o que entendem sobre o Advento; 	- Quadro e marcador;	5 m	- Interesse pelos conteúdos;
	<ul style="list-style-type: none"> • A grande esperança de Israel: Is 9, 2-7; 11, 1-9; 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura do texto de Is 9, 2-6: Príncipe da paz; 	- Texto de Is 9, 2-6;	5 m	- Qualidade da intervenção dos alunos;
	<ul style="list-style-type: none"> • A expectativa da vinda do Emanuel: Deus conosco; 	<ul style="list-style-type: none"> • O sentido do tempo litúrgico do Advento através de uma apresentação em PowerPoint; 	- PowerPoint sobre o Advento; - Videoprojetor; - Computador;	10 m	- Atenção ao Powerpoint;
	<ul style="list-style-type: none"> • O Advento na liturgia cristã. 	<ul style="list-style-type: none"> • Realização e correção da ficha 17 do caderno do aluno; 	- Cópias da ficha 17 do caderno do aluno.	10 m	- Ficha de trabalho;

		<ul style="list-style-type: none"> • Síntese; • Apresentação da campanha solidária “10 milhões de estrelas, um gesto pela paz”. 		5 m	
				5 m	- Proposta de elaboração de uma atividade solidária.

Interdisciplinaridade: Educação Visual e Tecnológica - cultura e recreio; comemorações relevantes; Língua Portuguesa - etimologia da palavra Advento e leitura e interpretação de textos.

DESCRIÇÃO DA AULA LECIONADA:

No dia 10 de Novembro de 2011, lecionei a primeira aula no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), do Mestrado em Ensino de EMRC. Esta aula, lecionada na turma 3 do 6º ano, foi a primeira de uma planificação de cinco aulas respeitantes à UL 2 - Advento e Natal.

A aula foi iniciada com a saudação e o acolhimento dos alunos, que disseram cada um o seu nome porque era a primeira aula que lecionava depois de uma breve apresentação à turma. Apresentei, depois, aos alunos a nova UL e os sumários das 5 aulas que a mesma contém.

De seguida, pedi aos alunos, através de uma dinâmica da “chuva de ideias”, que dissessem palavras relacionadas com o que entendiam por Advento. Conforme diziam, escrevia no quadro e fui explorando o sentido de cada palavra. Conclui a “chuva de ideias” com a apresentação em PowerPoint¹⁰⁹ da etimologia da palavra “Advento” e o seu significado.

Pedi, depois, que abrissem o manual do 6º ano de EMRC e perguntei quem estava disponível para ler um texto onde apresentava a esperança e expectativa do povo de Israel na vinda do Emanuel e de um Messias, anunciado pelo profeta Isaías. Através da leitura do texto bíblico de Isaías “Príncipe da Paz”, concluímos a ideia da espera e expectativa do povo enquanto significado mais profundo do Advento.

Seguindo o PowerPoint, apresentei o Advento como tempo de esperança na liturgia cristã com uma visão mais alargada na totalidade do ano litúrgico.

¹⁰⁹ Cfr. anexos.

No final da exposição que fiz sobre o Advento com a interação dos alunos, realizaram a ficha 17 do caderno do aluno, para avaliar os conteúdos adquiridos. Terminei a aula com a correção da ficha com a participação dos alunos.

Convidei ainda os alunos a participarem em alguma campanha solidária durante esta UL, exemplificando com a atividade da Cáritas “dez milhões de estrelas” promovida pela disciplina na escola.

Terminei a aula despedindo-me dos alunos.

AUTOAVALIAÇÃO:

Aspetos a realçar:

- A planificação prevista foi cumprida e todos os objetivos foram atingidos;
- As estratégias de ensino foram adequadas e os recursos apelativos e motivadores para a consecução dos objetivos da aula;
- Os alunos estiveram muito empenhados e participaram ativamente em todas as tarefas propostas pelo professor. O professor demonstrou serenidade e capacidade para manter a atenção dos alunos nos conteúdos lecionados;
- O clima favorável à aprendizagem foi uma constante ao longo da aula;
- A interação consistente com os alunos.

Aspetos a melhorar:

No início da aula, o professor não fez o sumário com os alunos como tinha planificado. Não sabia os nomes dos alunos quando interagia com eles.

- Aula nº 2 – Figuras do Advento

O sumário desta aula é formado nos seguintes parâmetros: *Figuras do Advento*.

Competências específicas: 6. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos; 9. Organizar um universo coerente de valores a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã; 24. Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana; 25. Interpretar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local; 26. Apreciar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.

Operacionalização das competências	Conteúdos	Atividade/Estratégias	Material	T/Min	Avaliação formativa
- Interpretar e apreciar produções estéticas sobre Maria, tendo em conta os vários títulos e o seu significado, bem como a unidade da pessoa; - Interpretar textos bíblicos sobre a esperança messiânica de Israel, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana.	<ul style="list-style-type: none"> • Jesus, o cumprimento da esperança de Israel; • Maria, a mãe de Jesus; • Os muitos títulos de Maria: Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora do Sameiro, etc; • Os três dogmas de associados a Maria: Mãe de Deus, Imaculada Conceição e Assunção de Maria; • A festa da 	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento; • Registo do Sumário; • Análise da pintura <i>A Visitação</i> de Paolo Schiavo através da sua observação; • A oração “ave-maria”, composta pela saudação do anjo na anunciação e na visitação de Isabel a Maria; • Leitura do manual sobre a devoção a Maria; • São José e João Batista; 	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro e marcador; - Projeção da pintura <i>A Visitação</i>; - Videoprojetor; - Computador; - Manual do aluno; 	5 m	<ul style="list-style-type: none"> - Interesse pelos conteúdos; - Qualidade da intervenção dos alunos;
				5 m	
				10 m	
				15 m	

	<p>Imaculada Conceição, Padroeira de Portugal;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Outras figuras do Advento: São José e João Batista. 	<ul style="list-style-type: none"> • Realização e correção das Fichas 18 e 19 do caderno do aluno; • Síntese. 	<p>- Cópias das fichas 18 e 19 do caderno do aluno.</p>	<p>10m</p>	<p>- Respostas na correção das fichas de trabalho.</p>
--	--	---	---	------------	--

Interdisciplinaridade: Educação Visual e Tecnológica - cultura e recreio; comemorações relevantes; Língua Portuguesa - leitura e interpretação de textos.

DESCRIÇÃO DA AULA LECIONADA:

No dia 17 de Novembro de 2011, lecionei a segunda aula no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), do Mestrado em Ensino de EMRC. Esta aula, lecionada na turma 3 do 6º ano, foi a segunda de uma planificação de cinco aulas respeitantes à UL 2 - Advento e Natal.

A aula foi iniciada com a saudação e o acolhimento dos alunos, que dialogaram um pouco comigo sobre o dia deles. Depois, escrevemos os sumários da aula anterior que não se tinha registado e o desta.

De seguida, após um resumo dos conteúdos da aula anterior, pedi aos alunos que observassem a pintura *A Visitação* de Paolo Schiavo projetada em powerpoint¹¹⁰ e analisamos as personagens e o contexto da visitação de Maria a Santa Isabel. Valorizei as palavras do Arcanjo a Maria e de Santa Isabel a Maria, através da leitura do manual do aluno, que formam a primeira parte da Ave-Maria. Observamos ainda outras imagens de Maria, como a Nossa Senhora do Ó, a Imaculada Conceição, Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora do Sameiro.

Pedi, depois, que abrissem novamente o manual do 6º ano de EMRC e perguntei quem estava disponível para ler um texto onde apresentava os três dogmas associados a Maria: Maria, a Mãe de Deus, a Imaculada Conceição e a Assunção de Maria. Apresentei Maria como a figura central do Advento.

¹¹⁰ Cfr. anexos.

Seguindo o PowerPoint, apresentei ainda mais duas figuras do Advento: São José e João Batista.

No final da exposição que fiz sobre as figuras do Advento, já não houve tempo para a realização das fichas de trabalho como estava previsto na planificação.

Terminei a aula despedindo-me dos alunos.

AUTOAVALIAÇÃO:

Aspetos a realçar:

- A planificação prevista foi cumprida, à exceção da realização das fichas de trabalho por falta de tempo, e todos os objetivos foram atingidos;
- As estratégias de ensino foram adequadas e os recursos apelativos e motivadores para a consecução dos objetivos da aula;
- Os alunos estiveram muito empenhados e participaram ativamente em todas as tarefas propostas pelo professor. O professor demonstrou serenidade e capacidade para manter a atenção dos alunos nos conteúdos lecionados;
- O clima favorável à aprendizagem foi uma constante ao longo da aula.

Aspetos a melhorar:

Controlar melhor o tempo para ser possível o cumprimento da planificação na sua totalidade.

- *Aula nº 3 – O Natal: representação artística e tradições*

O sumário desta aula é formado nos seguintes parâmetros: *O Natal: representação artística e tradições*.

Competências específicas: 6. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos; 9. Organizar um universo coerente de valores a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã; 24. Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana; 25. Interpretar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local; 26. Apreciar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.

Operacionalização das competências	Conteúdos	Atividade/Estratégias	Material	T/Min	Avaliação formativa
<ul style="list-style-type: none"> - Interpretar episódios históricos e factos sociais, enquadrados geograficamente, em torno do acontecimento Jesus; - Interpretar produções culturais que aludem ao valor da esperança; - Mobilizar o valor da esperança bem como os valores estruturantes da mensagem de 	<ul style="list-style-type: none"> • A história do presépio, desde a primeira encenação do nascimento de Jesus por S. Francisco de Assis; • A origem e o significado de algumas tradições do Natal: missa do galo, músicas tradicionais de Natal, luzes de Natal, árvore de Natal, 	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento; • Registo do Sumário; • Questionar os alunos sobre o que é o presépio e quem o faz em casa; • Escuta e interpretação do texto do manual “Um conto de Natal” de José António Rocha; • Através da projeção de um PowerPoint, apresentação da origem do presépio a partir da encenação de S. Francisco de Assis; origem e significado de algumas tradições do Natal: missa do galo, músicas tradicionais 	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro e marcador; - Texto de Um conto de Natal; - PowerPoint sobre a origem do presépio e de algumas tradições do Natal; - Videoprojetor; - Computador; 	<ul style="list-style-type: none"> 5 m 5 m 10 m 15 m 	<ul style="list-style-type: none"> - Interesse pelos conteúdos; - Qualidade da intervenção dos alunos;

Jesus para orientar o comportamento humano em situações vitais.	azevinho, sapatos na chaminé, os magos e os presentes de Natal.	de Natal, luzes de Natal, árvore de Natal, azevinho, sapatos na chaminé, os magos e os presentes de Natal. <ul style="list-style-type: none"> • Realização da ficha 21 do caderno do aluno; • Correção da ficha 21 e síntese. 	- Cópias da ficha 21 do caderno do aluno.	10 m	- Respostas na correção da ficha de trabalho.
---	---	--	---	------	---

Interdisciplinaridade: Educação Visual e Tecnológica - desenhar os vários símbolos de Natal e preparar uma pequena exposição; Língua Portuguesa - leitura e interpretação de textos; Educação Musical - música de Natal.

DESCRIÇÃO DA AULA LECIONADA:

No dia 24 de Novembro de 2011, lecionei a terceira aula no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), do Mestrado em Ensino de EMRC. Esta aula, lecionada na turma 3 do 6º ano, foi a terceira de uma planificação de cinco aulas respeitantes à UL 2 - Advento e Natal.

Comecei a aula com a saudação e o acolhimento dos alunos, que dialogaram um pouco comigo sobre o dia deles. Depois, um aluno escreveu o sumário desta aula no quadro e todos registaram no caderno pessoal.

De seguida, após um resumo dos conteúdos da aula anterior, interroguei os alunos sobre o que era o presépio e quem costumava fazer o presépio em casa. Os alunos responderam baseando-se nas experiências pessoais, servindo para introduzir tema do Natal.

Depois, pedi a um aluno para ler a partir do manual do 6º ano de EMRC o texto “Um conto de Natal” de José António Rocha. No final da leitura, fiz uma breve interpretação do texto com os alunos, aludindo ao espírito Natalício.

Através da projeção de um PowerPoint¹¹¹, fiz a apresentação da origem do presépio a partir da encenação de S. Francisco de Assis. Continuei a exposição do PowerPoint sobre a origem e significado de algumas tradições do Natal como a missa do galo, as músicas tradicionais de Natal, as luzes de Natal, a árvore de Natal, o azevinho, os sapatos na chaminé, os magos e os presentes de Natal.

No final da exposição que fiz sobre algumas tradições de Natal, os alunos realizaram a ficha 21 do caderno do aluno, que serviu como síntese da aula lecionada.

Terminei a aula despedindo-me dos alunos.

AUTOAVALIAÇÃO:

Aspetos a realçar:

- A planificação prevista foi cumprida, e todos os objetivos foram atingidos;
- As estratégias de ensino foram adequadas e os recursos apelativos e motivadores para a consecução dos objetivos da aula;
- Os alunos estiveram muito empenhados e participaram ativamente em todas as tarefas propostas pelo professor, à exceção de dois alunos que estiveram em alguns momentos da aula distraídos com outros interesses. O professor demonstrou serenidade e capacidade para manter a atenção dos alunos nos conteúdos lecionados, e recuperar a atenção dos que estavam menos concentrados;
- O clima favorável à aprendizagem foi uma constante ao longo da aula.

Aspetos a melhorar:

A escolha do texto “Um conto de Natal” foi adequada, mas foi um pouco longo para ser lido na aula.

¹¹¹ Cfr. anexos.

- Aula nº 4 – Jesus, um marco na história

O sumário desta aula é formado nos seguintes parâmetros: *Jesus, um marco na história*.

Competências específicas: 6. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos; 9. Organizar um universo coerente de valores a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã; 24. Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana; 25. Interpretar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local; 26. Apreciar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.

Operacionalização das competências	Conteúdos	Atividade/ Estratégias	Material	T/ Min	Avaliação formativa
<p>- Interpretar episódios históricos e factos sociais, enquadrados geograficamente, em torno do acontecimento Jesus;</p> <p>- Mobilizar o valor da esperança bem como os valores estruturantes da mensagem de Jesus para orientar o comportamento humano em situações vitais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A Palestina no tempo de Jesus; • O Recenseamento; • Jesus, um marco na história. 	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento; • Registo do Sumário; • Colocar a questão onde cada um passou o Natal e onde nasceu; interrogar os alunos que nasceram em terras mais desconhecidas sobre alguma da sua história; • Através de uma apresentação em PowerPoint mostrar onde nasceu Jesus, o recenseamento, e alguns dados sobre a data de nascimento; a 	<p>- Quadro e marcador;</p> <p>- PowerPoint sobre o nascimento de Jesus;</p> <p>- Videoprojetor;</p> <p>- Computador;</p>	<p>5 m</p> <p>5 m</p> <p>15 m</p>	<p>- Interesse pelos conteúdos;</p> <p>- Qualidade da intervenção dos alunos;</p>

		razão do 25 de dezembro; • Alguns dados sobre os primeiros tempos da vida de Jesus e sobre os grupos religiosos da época; • Resolução da ficha 23 do caderno do aluno; • Síntese.		10 m	
			- Cópias da ficha 23 do caderno do aluno.	10 m	- Respostas na correção da ficha de trabalho.

Interdisciplinaridade: Educação Visual e Tecnológica - cultura e recreio; comemorações relevantes.

DESCRIÇÃO DA AULA LECIONADA:

No dia 5 de Janeiro 2012, lecionei a quarta aula no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), do Mestrado em Ensino de EMRC. Esta aula, lecionada na turma 3 do 6º ano, foi a quarta de uma planificação de cinco aulas respeitantes à UL 2 - Advento e Natal.

Comecei a aula com a saudação e o acolhimento dos alunos, que ocuparam os seus lugares e prepararam o material necessário para usar na aula. Depois, um aluno escreveu o sumário desta aula no quadro e todos registaram no caderno pessoal.

De seguida, retomando os conteúdos da aula anterior, interroguei os alunos sobre se deslocaram para celebrar o Natal. Os alunos responderam baseando-se nas experiências pessoais, tendo alguns partilhado as terras onde se deslocaram para celebrar o Nata, por serem as terras de origem dos pais.

Depois, utilizando a projeção de um PowerPoint¹¹², apresentei a terra onde Jesus nasceu e qual a razão que levou Maria e José a se deslocarem a Belém, a terra de origem de José, onde haveria de nascer Jesus. A partir do texto do Evangelho de Lucas sobre o nascimento de Jesus (que pedi a um aluno para ler) e de alguns dados históricos sobre o

¹¹² Cfr. anexos.

recenseamento ordenado pelo imperador de Roma (a partir do PowerPoint e da leitura do manual do aluno), fiz os alunos apreenderem a razão de Belém ter sido a terra do nascimento de Jesus, apesar de Maria e José viverem em Nazaré.

Através da projeção de um PowerPoint, apresentei a importância do nascimento de Jesus para a história da humanidade, de tal forma que o calendário mais usado no mundo tem este acontecimento como ponto de referência. A partir da leitura do texto do manual do aluno “ O Ano Um”, os alunos ficaram a saber do erro de Dionísio ao situar o nascimento de Jesus quatro anos depois da morte de Herodes, contrariamente ao texto dos Evangelhos. Também, apresentei a razão de o Natal se celebrar no dia 25 de dezembro.

No final, os alunos realizaram a ficha 23 do caderno do aluno e fizemos a sua correção, que serviu como síntese da aula lecionada.

Terminei a aula despedindo-me dos alunos.

AUTOAVALIAÇÃO:

Aspetos a realçar:

- A planificação prevista foi cumprida, e todos os objetivos foram atingidos;
- As estratégias de ensino foram adequadas e os recursos apelativos e motivadores para a consecução dos objetivos da aula;
- Os alunos estiveram muito empenhados e participaram ativamente em todas as tarefas propostas pelo professor. O professor demonstrou serenidade e capacidade para manter a atenção dos alunos nos conteúdos lecionados;
- O clima favorável à aprendizagem foi uma constante ao longo da aula.

Aspetos a melhorar:

Controlar melhor o tempo de aula e valorizar mais a interação com os alunos.

- *Aula nº 5 – Construir uma sociedade mais justa*

O sumário desta aula é formado nos seguintes parâmetros: *Construir uma sociedade mais justa*.

Competências específicas: 6. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos; 9. Organizar um universo coerente de valores a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã; 24. Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana; 25. Interpretar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local; 26. Apreciar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.

Operacionalização das competências	Conteúdos	Atividade/Estratégias	Material	T/Min	Avaliação formativa
- Mobilizar o valor da esperança bem como os valores estruturantes da mensagem de Jesus para orientar o comportamento humano em situações vitais. - Interpretar produções culturais que aludem ao valor da esperança.	<ul style="list-style-type: none"> • Construir uma sociedade mais justa e mais solidária, fundamentada na esperança do espírito de Natal; • A Cáritas Portuguesa, modelo da caridade que a celebração do Natal deve promover. 	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento; • Sumário; • Apresentar imagens através do videoprojetor que retratam situações de pobreza infantil para provocar a reflexão sobre a pobreza e a injustiça que ainda existem apesar da celebração do Natal; • Dramatização feita pelos alunos do texto do manual “A pequena vendedora de fósforos” e diálogo sobre os seus ensinamentos; • Apresentação da Cáritas Portuguesa como modelo da 	- Quadro e marcador;	5 m	<ul style="list-style-type: none"> - Interesse pelos conteúdos; - Qualidade da intervenção dos alunos;
			- PowerPoint com imagens de pobreza;	5 m	
			- Videoprojetor;	10 m	
			- Computador;		
			- Texto com a dramatização de “A pequena vendedora de fósforos”;		
			- PowerPoint e vídeo promocional	15 m	

		<p>caridade que a celebração do Natal deve promover, através de uma apresentação em PowerPoint e de um breve vídeo promocional da campanha “10 milhões de estrelas” da Cáritas com o jogador Nuno Gomes do S. C. de Braga;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Resolução e correção da ficha 24 do caderno do aluno; • Síntese. 	<p>sobre Cáritas Portuguesa;</p> <p>- Cópias da ficha 24 do caderno do aluno.</p>	<p>10 m</p>	<p>- Respostas na correção da ficha de trabalho.</p>
--	--	--	---	-------------	--

Interdisciplinaridade: Educação Cívica - valor da solidariedade; Língua Portuguesa - leitura e interpretação de textos.

DESCRIÇÃO DA AULA LECIONADA:

No dia 12 de Janeiro 2012, lecionei a quinta aula no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), do Mestrado em Ensino de EMRC. Esta aula, lecionada na turma 3 do 6º ano, foi a última de uma planificação de cinco aulas respeitantes à UL 2 - Advento e Natal.

Comecei a aula com a saudação e o acolhimento dos alunos, que ocuparam os seus lugares e prepararam o material necessário para usar na aula. Depois, um aluno escreveu o sumário desta aula no quadro e todos registaram no caderno pessoal.

De seguida, apresentei algumas imagens através do videoprojetor¹¹³ que retratam situações de pobreza infantil para provocar a reflexão sobre a pobreza e a injustiça que ainda existem apesar da celebração do Natal; estas imagens sugeriram algumas intervenções sobre a questão do Natal e preocupação das pessoas pelos mais pobres e necessitados da sociedade.

¹¹³ Cfr. anexos.

Três alunos leram em forma de diálogo o texto do manual “A pequena vendedora de fósforos” e depois emergiu um breve diálogo sobre os seus ensinamentos.

Fiz ainda a apresentação da Cáritas Portuguesa como modelo da caridade que a celebração do Natal deve promover, através de uma apresentação em PowerPoint e de um breve vídeo promocional da campanha “10 milhões de estrelas” da Cáritas com o jogador Nuno Gomes do S. C. de Braga. Os alunos partilharam algumas experiências de solidariedade que já tinham participado.

Notou-se uma grande sensibilidade por estas iniciativas e um crescido interesse em participar nelas, como são exemplo o Banco Alimentar contra a fome e outras campanhas conhecidas dos alunos e que valorizam o voluntariado e a partilha.

No final, estava previsto na planificação que os alunos realizassem a ficha 24 do caderno do aluno, mas preferi valorizar a partilha das experiências dos alunos por julgar serem mais proveitosas para a sua sensibilização e aprendizagem.

Terminei a aula despedindo-me dos alunos.

AUTOAVALIAÇÃO:

Aspetos a realçar:

- A planificação prevista foi cumprida à exceção da realização da ficha de trabalho, e todos os objetivos foram atingidos;
- As estratégias de ensino foram adequadas e os recursos apelativos e motivadores para a consecução dos objetivos da aula;
- Os alunos estiveram muito empenhados e participaram ativamente em todas as tarefas propostas pelo professor. O professor demonstrou serenidade e capacidade para manter a atenção dos alunos nos conteúdos lecionados;
- O clima favorável à aprendizagem foi uma constante ao longo da aula.

Aspetos a melhorar:

Controlar melhor o tempo de aula para permitir a realização da ficha de trabalho que estava prevista.

3 - Avaliação descritiva da unidade letiva

Depois da lecionação destas cinco aulas da UL “Advento e Natal”, torna-se necessário fazer algumas considerações acerca desta experiência.

Os alunos mantiveram ao longo das cinco aulas, um comportamento muito correto e colaborativo. Isto resulta, em grande medida, da empatia e interação que consegui criar com os alunos. Considero que também contribuiu para a manutenção da disciplina o facto de o ritmo da aula ter sido dinâmico, sem tempos mortos que geram dispersão. A lecionação esteve sempre centrada nos alunos, cumprindo de uma forma geral a planificação. Quando o tempo de aula não foi gerido de forma a permitir o cumprimento de tudo o que estava planificado (como as fichas de trabalho), deveu-se ao facto de ter privilegiado mais a participação dos alunos e a aprendizagem.

Sinto que a experiência adquirida enquanto sacerdote e nos anos que já lecionei me foi muito útil, sem confundir o contexto sala de aula e a disciplina de EMRC. Soube também lidar com as situações imprevistas, compreendendo os alunos e a forma imprevisível de responder às diversas situações. Valorizei sempre mais a participação ativa dos alunos através do diálogo constante, não abdicando da exposição constante dos conteúdos.

A gestão da sala de aula enquadrou-se dentro da planificação e preparação da aula e foi uma estratégia de gestão prévia à condução das atividades na aula, que indicou preocupações com o domínio dos conteúdos e com a preparação das atividades e do material, isto é, com a competência científica e com a didática da disciplina lecionada. As estratégias que constaram na planificação da aula influenciam a forma como foi gerida a sala de aula e preveniram comportamentos desviantes. A turma a quem foram lecionadas as aulas no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada era bastante dinâmica, com alguns alunos conversadores, tendo, por isso, o professor planificado as aulas com atividades e estratégias que facilitaram os momentos de transição e impediram os tempos mortos. Deste modo, a planificação das aulas foi um imprescindível contributo para a prevenção de comportamentos desviantes.

Os conteúdos lecionados foram adequados e manifestei durante estas aulas preparação científica e pedagógica que a disciplina de EMRC exige.

Julgo que a lecionação desta UL foi enriquecedora para os alunos que desenvolveram competências e fizeram novas aprendizagens sobre o acontecimento Natal e a sua vivência cristã. E, apesar do receio inicial de que os conteúdos desta UL pudessem ser confundidos com a catequese, isso não aconteceu e os alunos estiveram sempre recetivos e interagiram de forma bastante positiva.

Com estas considerações finais encerro a segunda e última parte do meu relatório.

CONCLUSÃO

A finalizar este trabalho, realizado no âmbito da prática de Ensino Supervisionada em EMRC, farei umas últimas reflexões em forma de conclusão.

Sinto que esta experiência foi positiva para mim, na medida em que apreendi o rigor da planificação articulado com adequadas estratégias de ensino. Foi, sem dúvida, uma experiência enriquecedora nesse sentido.

Os recursos disponibilizados pelo Secretariado Nacional de Educação Cristã para a concretização da UL são suficientes, na medida em que é disponibilizado ao professor e ao aluno de EMRC o manual e o caderno de atividades do aluno, contendo uma orientação sobre os conteúdos a trabalhar e sugestões de atividades para que estes possam efetivamente concretizar-se. Ao professor é, ainda, disponibilizado o Programa da disciplina, que, referente à UL, inclui as competências específicas a serem desenvolvidas pelos alunos e a respetiva operacionalização em termos de conteúdos a lecionar.

A lecionação desta UL proporcionou condições de interdisciplinaridade, sobretudo com a disciplina de Língua Portuguesa, na medida em se verificou a promoção de competências comunicativas através da leitura e análise e interpretação de textos do manual do aluno e da Bíblia Sagrada, relacionados com os vários assuntos trabalhados nas aulas. É, contudo, desejável que se promova uma interdisciplinaridade alargada com outras áreas disciplinares.

O trabalho desenvolvido no âmbito desta UL, enquadrado na Prática de Ensino Supervisionada, nomeadamente ao nível da fundamentação científica, definição de estratégias para operacionalização das competências específicas, seleção de recursos didáticos, desenvolvimento da interdisciplinaridade e análise crítica das aulas, possibilita um enriquecimento da atividade de professor de EMRC e uma maior consciencialização do perfil específico deste professor, nomeadamente quanto à necessidade de integrar o testemunho da fé cristã no processo de educar, numa perspetiva alargada.

Considero importante salientar que, ao longo de todo este percurso, fui desenvolvendo e ganhando novas aptidões no que se refere ao exercício da lecionação. Para isto, muito contribuiu o trabalho de planificação e lecionação na escola EB 2,3 Dr. Francisco Sanches. Apesar da minha experiência como sacerdote e de lecionação nos últimos quatro anos da disciplina de EMRC, sinto que este trabalho desenvolvido foi enriquecedor para mim porque desenvolvi competências importantes para a lecionação desta disciplina.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV., *A celebração na Igreja III - ritmos e tempos da celebração*, Edições Loyola, São Paulo, 2000.
- ABREGO DE LACY, José María, *Los libros proféticos*, Verbo Divino, Pamplona, 1993⁴.
- ALBERICH, Emilio, *Catequese evangelizadora - Manual de catequética fundamental*, Editora Salesiana, São Paulo, 2007.
- ARAÚJO, Silva, *Viver o Natal*, Edições A.I., Porto, 1984.
- BARGELLINI, Emanuel e FRADE, Gabriel, *À espera da sua vinda: uma leitura teológico-litúrgica do tempo de Advento-Natal-Epifania e sua ligação com a páscoa* in *Revista de Cultura Teológica* 74 (2011), - .
- BARROSO, João, *Para o Desenvolvimento de uma Cultura de Participação na Escola*, Instituto de Inovação Educacional - Cadernos de organização e gestão escolar, Lisboa, 1998.
- BOURGEOIS, Daniel, *Os Magos a caminho de Caná* in *Communio* 23 (2006), 178- .
- CARREIRA DAS NEVES, Joaquim, *Jesus Cristo - História e Mistério*, Editorial Franciscana, Braga, 2000.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação: Direito e dever - Missão Nobre ao Serviço de Todos*, Carta Pastoral 1, 2002.
 - *A Escola em Portugal - Educação integral da pessoa humana*, Carta Pastoral 3, 2008.
 - *Educação Moral e Religiosa Católica - Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Carta Pastoral 1, 2006.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral de Catequese (DGC)*, Gráfica de Coimbra, Coimbra.
- DUQUE, João, *Cultura contemporânea e cristianismo*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004.
 - *O Excesso do Dom*, Alcalá, Lisboa, 2004.
- GESCHÉ, Adolphe, *Jesucristo - Dios para pensar VI*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2002.
- GOMES, Miguel Ângelo, *O Ensino da Religião no Jardim de Infância – Perspetivas cultural e confessional*, Edição da Universidade do Minho, Braga, 2002.
- GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario, *Cristología*, Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), Madrid, 2001.
- J. HARRINGTON, Wilfrid, *Chave para a Bíblia - A revelação, a promessa, a realização*, Paulus, São Paulo, 1985⁴.

- JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Redemptoris Mater*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1987³.
- Exortação Apostólica *Redemptoris Custos*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1989.
- KERKHOF, Jan, *Perspetivas ou tendências da educação na Europa* in AA. VV., VIII Fórum Europeu do Ensino Religioso Escolar, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 1998.
- LARRAÑAGA, Inácio de, *O irmão de Assis*, Edições Paulinas, Sacavém, 1980.
- LBSE - Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro. A LBSE já foi alterada pela Lei n.º 115/97, de 19 de Setembro.
- LLIGADAS, Josep, *Natal - Deus conosco*, Paulinas, Apelação, 2003.
- LOURENÇO, João Duarte, *O mundo judaico em que Jesus viveu - Cultura Judaica do Novo Testamento*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2005.
- PINHO, Arnaldo, *Jesus Cristo: Quem é*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2003.
- RATZINGER, Joseph, *Introdução ao Cristianismo*, Principia, Cascais, 2005.
- *Jesus de Nazaré*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2010.
- ROVIRA BELLOSO, Josep Maria, *Jesús, el Mesías de Dios - Una teología para unir conocimiento, afecto y vida*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2005.
- SAMPAIO, Daniel, *A deriva autoritária*, in revista Pública, do dia 22.01.2012, 49.
- SAVATER, Fernando, *O Valor de Educar*, Editorial Presença, Lisboa, 1997.
- SCHILLEBEECKX, Edward, *Jesus - La historia de un viviente*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1983².
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Nós e o Mundo 6º Ano Educação Moral e Religiosa Católica - Manual do Professor*, Ed. SNEC, Lisboa, 2011.
- *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Ed. SNEC, Lisboa, 2007.
- SERRALHEIRO, Deolinda, *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Portuguesa*, Editora Rei dos Livros, Lisboa, 1990.
- *O ato educativo religioso e moral*, Edição do Secretariado Nacional da Educação Cristã, col. "Educar na fé hoje" 5, Lisboa, 1993.
- SILVA LIMA, José da, "*Deus, não tenho nada contra...*" - *Socialidades e Eclesialidade no destino do Alto-Minho*, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 1994.
- SILVA NUNES, Tomaz, *O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica*, Edição do Secretariado Nacional da Educação Cristã, in Fórum de Educação Moral e Religiosa Católica, Lisboa, 2005.

- VEIGA, Américo, *A Educação Hoje - A realização integral e feliz da pessoa humana*, col. “Obras básicas” 1, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 2003⁶.

NETGRAFIA

- BENTO XVI, *Angelus*, 18 de dezembro de 2005, in http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/angelus/2005/documents/hf_ben-xvi_ang_20051218_po.html, consultado no dia 10.03.2012.

- BENTO XVI, *Angelus*, 19 de dezembro de 2010, in http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/angelus/2010/documents/hf_ben-xvi_ang_20101219_po.html, consultado no dia 10.03.2012.

- BENTO XVI, *Audiência Geral*, 21 de dezembro de 2011, in http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20111221_po.html, consultado no dia 10.03.2012.

- BENTO XVI, *Audiência Geral*, 5 de janeiro de 2011, in http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110105_po.html, consultado no dia 10.03.2012.

- BENTO XVI, *Homilia do Papa Bento XVI na celebração das primeiras vésperas do I Domingo do Advento*, 26 de novembro de 2005, in http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20051126-vespri-avvento_po.html, consultado no dia 10.03.2012.

- BENTO XVI, *Homilia do Papa Bento XVI na celebração das primeiras vésperas do I Domingo do Advento*, 2 de dezembro de 2006, in http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20061202_i-vespri-avvento_po.html, consultado no dia 10.03.2012.

- BENTO XVI, *Homilia do Papa Bento XVI na celebração das primeiras vésperas do I Domingo do Advento*, 1 de dezembro de 2007, in http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20071201-vespri-avvento_po.html, consultado no dia 10.03.2012.

ANEXOS



O Advento:

início num Domingo, próximo do final de Novembro
fim na véspera de Natal.

Para os cristãos:

Advento é um tempo de preparação para celebrar o nascimento de Jesus.

É um tempo de esperança, de alegria.

Durante este tempo todos procuram promover a fraternidade e a paz.

Advento:
do latim adventus
significa **“chegada”;**
vinda; aparecimento;
princípio.

É o primeiro tempo do **ano litúrgico**



Figuras dos Advento: A Virgem Maria



A Visitação, por Paolo Schiavo

A Virgem Maria



Escultura de Nossa Senhora do Ó
(séc. XIV) – Pedra “Ançã”
Policromada, existente no museu
de Lamego.

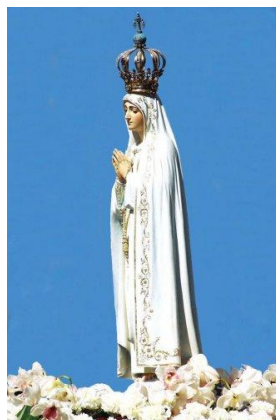


Natividade, por Giotto

A Virgem Maria



Imaculada Conceição, por
Bartolomé Murillo



Nossa Senhora de Fátima



Nossa Senhora do Sameiro - Braga

São José e João Batista



A Sagrada Família, por Bartolomé
Murillo



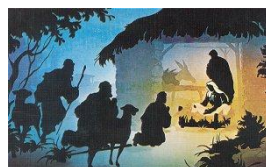
João Batista repreende Herodes, por
Giuseppe Fattori

Natal, o nascimento de Jesus



Onde Jesus nasceu

De acordo com os relatos do Evangelho de Lucas, **Jesus nasceu na Palestina**, mais concretamente num estábulo nos arredores da cidade de **Belém**.



O Recenseamento

“Naqueles dias, saiu um decreto de César Augusto, para ser recenseada toda a terra. Este primeiro recenseamento efetuou-se quando Quirino era governador da Síria. Todos se foram recensear, cada um à sua cidade.

José subiu também da Galileia, da cidade de Nazaré, à Judeia, à cidade de David, chamada Belém, por ser da casa e da descendência de David, a fim de se recensear com Maria, sua esposa, que estava para ser mãe.

Enquanto ali se encontravam, chegou o dia de ela dar à luz e teve o seu Filho primogénito.

Envolveu-O em panos e deitou-O numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria. [...]” Lc 2, 1-20

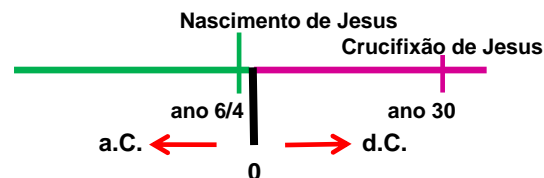


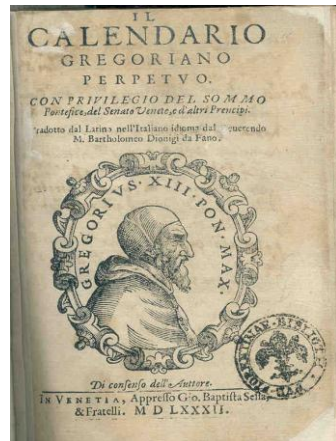
Data sobre o nascimento de Jesus

Jesus terá nascido na Palestina, por volta do ano 752 da fundação de Roma, quando esta se encontrava sob o domínio do Império Romano.

Esta data corresponde **os anos 6 e 4 a.C.** antes da nossa era (chamada Era Cristã) porque tal acontecimento ocorreu durante o reinado de Herodes.

Este morreu no ano 4 a.C., donde se conclui que o nascimento de Jesus se situa antes do ano 4 a.C. (Cf. pag. 99 do manual do aluno)





Este erro de contagem está também relacionado com a passagem do **calendário juliano** (instituído por Júlio César no ano 46 a.C.) para o **gregoriano** (promulgado em **1582** pelo **Papa Gregório XIII**), utilizado atualmente em todos os países ocidentais e em grande parte do mundo.

O nascimento de Jesus teve tal importância para a história universal que o calendário mais usado no mundo é aquele que tem este acontecimento como ponto de referência.

Porquê o 25 de Dezembro?

É desconhecida a data do nascimento de Jesus.
O dia 25 de Dezembro foi estabelecido por volta do século IV.

No ano 274, o Imperador Aureliano oficializou o culto do Sol, e fixou a **festas do Sol a 25 de Dezembro**. (solstício de inverno)
A partir deste dia, o Sol passa a iluminar com cada vez maior intensidade e durante maior tempo a terra. Era uma festa pagã.

Os **crístãos passaram a festejar nessa data o nascimento** de Jesus de modo a desvalorizar o sentido pagão da festa e a recordar que a verdadeira luz do mundo, o verdadeiro Sol é Jesus.



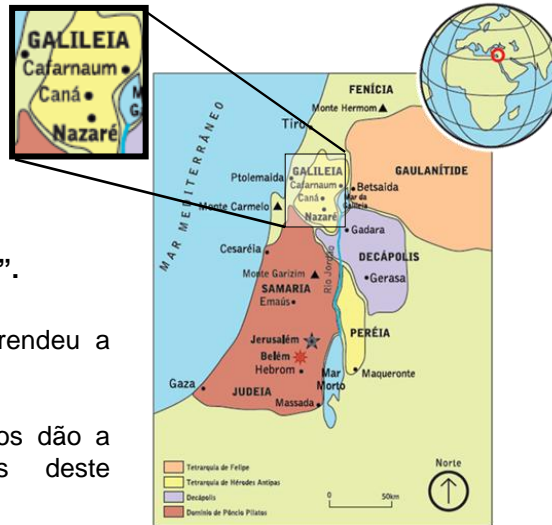
Os primeiros tempos de Jesus

Jesus nasceu no seio de uma família judia – Maria e José, sendo descendente da tribo de Judá.

Viveu a maior parte da sua vida na modesta **aldeia de Nazaré**, na região da **Galileia**, donde lhe vêm as designações de “**Nazareno**” e “**Galileu**”.

Durante a infância aprendeu a ler e a escrever.

Os Evangelhos não nos dão a conhecer pormenores deste período da vida.



Grupos que não aceitavam o domínio do Império Romano.

(Que se opuseram ao que Jesus dizia e fazia)

Os **sacerdotes** eram originários das famílias pertencentes à tribo de Levi, sendo responsáveis pelo serviço do culto do Templo.

Os **fariseus** eram leigos, membros de um grupo religioso que surgiu no séc. II a. C. e que procurava observar rigorosamente a Lei de Moisés e as tradições.

Os **saduceus** eram um grupo religioso judaico rival dos fariseus. Tinham muito poder e influência política.



O lugar onde Jesus nasceu



A celebração do nascimento de Jesus levou peregrinos a **Belém**, desde os primeiros séculos do cristianismo, para visitarem o local onde se acredita que nasceu Jesus.

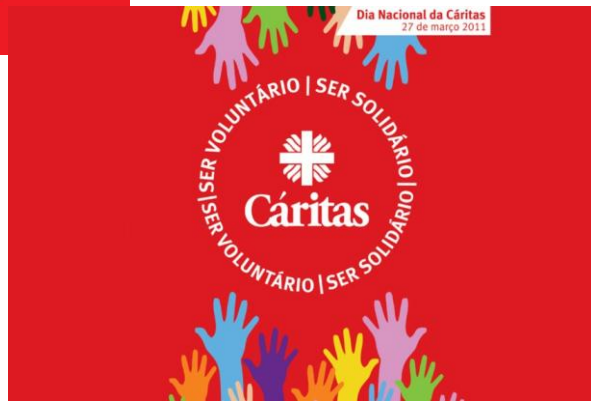


Igreja da Natividade, Belém



Interior da Igreja da Natividade, Belém





O que é?

A **Cáritas** é "uma instância oficial da Igreja para a promoção da sua ação social", que apoia solidariamente os mais carenciados, procurando dar resposta às situações de pobreza, exclusão social e situações de emergência, quer devido a catástrofes naturais (por exemplo, incêndios, terremotos...) ou de conflito armado.



Qual é o seu objetivo?

Tem como objetivo a assistência em situações de emergência ou dependência, de forma a contribuir para o desenvolvimento integral do ser humano de acordo com os valores da ética cristã.



Como intervém?

Intervém na implementação de programas de apoio materno infantil, juvenil, terceira idade, vítimas de violência doméstica, na luta contra a exclusão social, em especial no que diz respeito às minorias étnicas, nas comunidades de imigrantes e suas famílias, toxicodependentes, seropositivos...



História da Cáritas

- A Cáritas Portuguesa foi criada logo após a II^a Guerra Mundial e teve como primeira atividade o apoio a crianças refugiadas. Os primeiros estatutos datam de 1956.

- Até este momento, a instituição conta com três fases distintas:



1ª Fase - desde a fundação até 1975.

Nesta fase a Cáritas centrou-se na distribuição de géneros alimentares e na promoção do acolhimento de crianças vindas do Centro da Europa.

2ª Fase - desde 1975 até à segunda revisão dos estatutos em 2000. Implementou apoio à criação de postos de trabalho e atuou junto dos centros de decisão política.

3ª Fase - com a revisão dos estatutos em 2000, clarificaram-se os objetivos da Cáritas Diocesana, no contexto da Igreja e da sociedade portuguesa, criando-se grupos de ação social nas paróquias.



A importância da Cáritas

- Através das 20 Cáritas Diocesanas que abrangem todo o território nacional, a instituição possui diversos projetos, tendo em vista uma sociedade mais justa e equilibrada.

Atua da seguinte forma:

- Dando subsídio para rendas de casa, eletricidade, água e luz.
- Encaminhando para a formação profissional, ensino recorrente e emprego.
- Acolhendo crianças em situação de risco.
- Apoiando domiciliarmente quem necessita.
- Organizando campanhas de solidariedade em favor dos atingidos por situações de emergência dentro e fora do país.
- Motivando os cristãos para o compromisso social.



Todas estas ações são levadas em frente através da generosa e empenhada colaboração de voluntários, quer com o seu trabalho quer com doações financeiras, isto é por pessoas que se preocupam com a sociedade e com os outros!



Que tal fazeres parte da Cáritas?





As primeiras representações artísticas

- Pinturas
- Relevos
- Frescos



Surgiram por volta do século IV, sendo atribuídas a **Santa Helena**, mãe do imperador Constantino.

primeiras **representações teatrais**

Surgem no séc. XIII, e isso deve-se a **São Francisco de Assis.**

Na noite de 24 de Dezembro de 1223, celebrou a missa de Natal com uma representação cénica, numa gruta da floresta de Greccio.



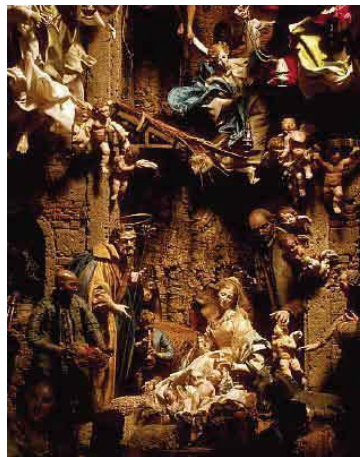
para
saberés +
clica aqui

Os presépios

Os presépios, tal como conhecemos hoje, apareceram no séc. XVI em Itália.

O presépio prepara-se tradicionalmente no dia 8 de dezembro.

Os presépios em Portugal tiveram início no século XV, com o empenho do rei D. João II. Em Portugal, os presépios tornaram-se o símbolo mais importante do Natal e passaram a ser incluídos em quase todos os lares. Os barristas Machado de Castro e António Ferreira são dos mais conceituados escultores de presépios.



A missa do galo

Tradição da noite de Natal, surgida no **séc. V**,

é **celebrada na noite** de passagem do dia **24 para 25** de Dezembro,

por volta da meia-noite.



Outras tradições estão também associadas à preparação e celebração

do Natal:

- o pinheiro,
- as luzes,
- as estrelas,
- os presentes,
- o bolo-rei,
- a utilização do azevinho,
- os sapatinhos na chaminé,
- o Pai Natal...

(Existem ainda muitas tradições que não estão aqui, mas que são igualmente importantes)



A árvore de Natal

A origem da tradição é **desconhecida**.

Esta tradição remonta a práticas anteriores ao próprio Natal.

A primeira referência surge no séc. XVI, atribuindo-se a Martinho Lutero a sua origem.

Em Portugal, esta tradição surgiu muito tardiamente.

Até meados do séc. XX, era totalmente ignorada, mantendo-se o presépio como o principal símbolo do Natal.



As luzes de natal

representam Jesus que,
para os cristãos,

é a luz do mundo.

Lembram a noite estrelada que iluminou o céu na noite de Natal e a **estrela de Belém** que guiou os magos até ao presépio



Os magos (presentes)

De acordo com o evangelho de Mateus, foram guiados por uma estrela até ao estábulo, para adorarem o menino. Nem o número, nem o nome dos magos é referido no evangelho.

Segundo a tradição:

receberam o nome:

- Belchior ou Melchior
- Baltasar
- Gaspar

Ofereceram presentes:

- Ouro
- Incenso
- Mirra



A adoração dos magos, vindos de Oriente simboliza a veneração que todos os povos da Terra prestam a Jesus

Azevinho

A utilização do **azevinho remonta a uma tradição romana que atribuía a esta planta a simbologia da paz e da felicidade**



sapatos na chaminé



Actualmente, muitas crianças colocam os seus **sapatos na chaminé**, na noite de Natal, para aí lhes serem colocados os seus presentes.

Pai Natal

É normalmente, identificada com São Nicolau, o bispo de Mira (Ásia Menor) que viveu por volta do séc. IV.

É um dos santos mais populares em toda a Europa, existindo muitas centenas de igrejas com o seu nome. Diz-se que ele gostava de oferecer presentes às crianças.



A figura do **Pai Natal** como um velhinho **com barbas brancas surgiu, em 1822**, por Clement Clak More, **num poema** intitulado *An account of a visit from Saint Nicolas*, dedicado às suas filhas.

O primeiro desenho é de 1866 e é da autoria de Thomas Nast.





ESQUEMA DO ANO LITÚRGICO

CICLO DO NATAL

ENCARNAÇÃO

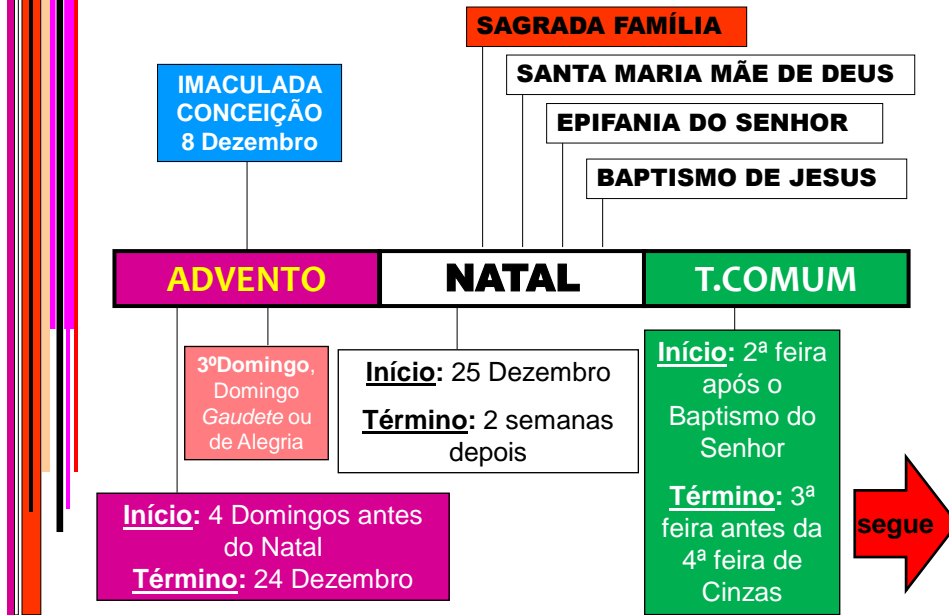
CICLO DA PÁSCOA

REDENÇÃO

segue

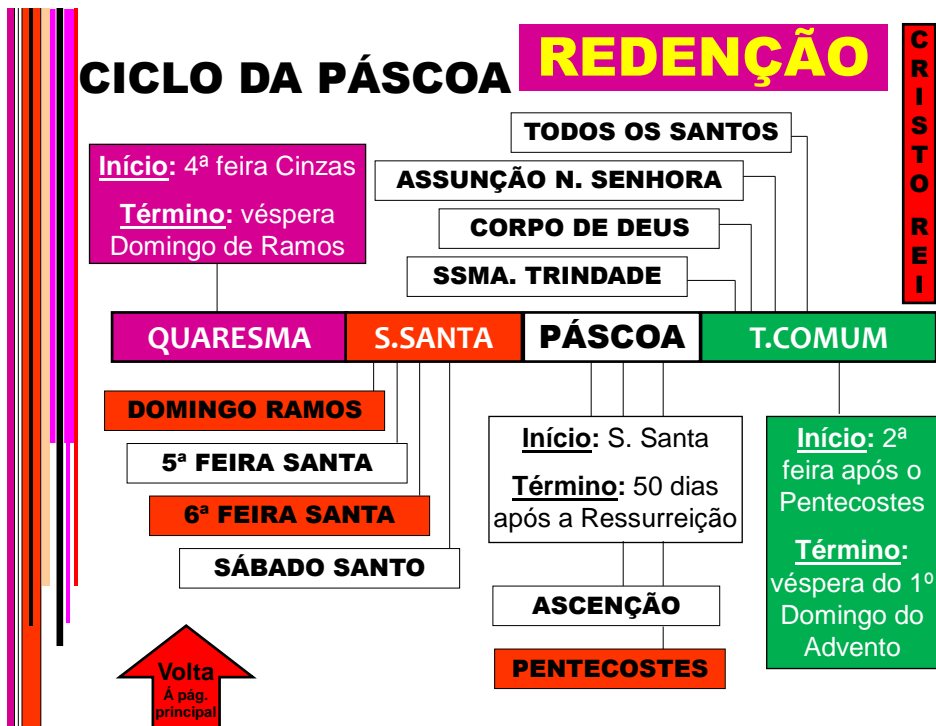
CICLO DO NATAL

ENCARNAÇÃO



CICLO DA PÁSCOA

REDENÇÃO



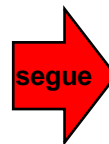


A importância dada por S. Francisco de Assis ao Natal

Naquela noite de Natal, na cidade de Greccio, queria que todos sentissem a mesma alegria que ele sentia ao pronunciar a palavra “Belém”. Preparou uma noite de Natal diferente. Convocou muitas pessoas, de vários lugares, para participarem na noite de Natal no convento de Greccio, onde então vivia.



A encenação do nascimento de Jesus, feita por São Francisco, foi repetida pelos frades franciscanos em igrejas e conventos de toda a Europa. Por este motivo, os frades franciscanos são considerados verdadeiros pioneiros na construção de presépios.



Presépio ao vivo



O **presépio vivo** é constituído por **personagens vivas**, que **dramatizam a cena do nascimento de Jesus**.

Contudo, o presépio de Greccio era composto por imagens que representavam Nossa Senhora, São José e o Menino Jesus, e por animais vivos.



Greccio

Actualmente, no lugar onde esteve a manjedoura, encontra-se um altar em honra de São Francisco de Assis, numa igreja que pertence ao convento da ordem de São Francisco, em Greccio.





Os Magos

As ofertas:

- o ouro, que representa possivelmente a sua nobreza;
- o incenso, que representa provavelmente a sua divindade;
- a mirra, que representa talvez o sofrimento que Jesus iria enfrentar.



Os nomes:

- Belchior ou Melchior, representa os europeus;
- Baltasar , representa os asiáticos;
- Gaspar surgiram mais tarde e representa os africanos.

